

FEBRAP - FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE PSICODRAMA
CASA DO ENCONTRO – ESPAÇO TERAPÊUTICO E DE FORMAÇÃO EM
PSICODRAMA DE FRANCA
FORMAÇÃO EM PSICODRAMA - NÍVEL 1

ANA GABRIELA ROSA DE ANDRADE ASEVEDO

DO PALCO À PALAVRA: A Escrita Psicodramática como Resistência
Epistemológica Decolonial e a Ressignificação do Luto

FRANCA / SP

2025

ANA GABRIELA ROSA DE ANDRADE ASEVEDO

**DO PALCO À PALAVRA: A Escrita Psicodramática como Resistência
Epistemológica Decolonial e a Ressignificação do Luto**

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 1), da Casa Do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco socioeducacional.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

FRANCA / SP

2025

ANA GABRIELA ROSA DE ANDRADE ASEVEDO

**DO PALCO À PALAVRA: A Escrita Psicodramática como Resistência
Epistemológica Decolonial e a Ressignificação do Luto**

Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 1), da Casa Do Encontro – Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama de Franca, apresentado à FEBRAP (Federação Brasileira de Psicodrama) para obtenção do título de Psicodramatista com foco socioeducacional.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Franca, 15 de abril de 2025.

Orientadora: _____

Nome: Profa. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro

Instituição: Uni-FACEF Centro Universitário de Franca

Examinadora: _____

Nome: Profa. Dra. Angélica Teixeira Gomes

Instituição:

Examinador: _____

Nome:

Instituição:

Examinador: _____

Nome:

Instituição:

AGRADECIMENTOS

À Dani,

força corajosa que move o trem da alma pelos trilhos do saber e do sentir.
Afeto em movimento, presença que acolhe e impulsiona,
capaz de tocar o sagrado em cada gesto,
e fazer da escuta um portal de cura e transformação.

À Angel,

Inteligência sensível e amorosa,
corozonando e ensinando com o corpo e a alma,
nos silêncios que, sem pressa, dizem o essencial,
misturados à risadas vibrantes e espontâneas.
Tua presença é como um abraço de poesia,
carregada de um poder transformador.

Ao João,

que esteve lá no início,
com a leveza de quem sabe que a vida pode ser uma eterna infância
Seu gesto espontâneo ajudou a abrir frestas
e a existência ficou menos densa, mais dançante.

Ao Grupo C e ao Grupo BC,

companheiros de travessia,
teceram comigo uma rede de contenção, amizade, paciência,
carinho e amor.

Obrigada por serem porto e impulso,
reflexo e testemunho da minha própria jornada.

À Casa do Encontro,

espaço-útero, templo vivo onde o tempo se curva,
refúgio de natureza sagrada,
portal onde o caos encontra caminho,
e o invisível ganha corpo e voz.

A mim mesma,

por não ter desistido quando a dor parecia maior que o verbo.
Por ter escrito com amor e verdade,
Porque sei o quanto, para mim, realizar também pesa e me exige mais.
Mas hoje, escolho agradecer à minha coragem,
ao meu empenho amoroso,
ao meu desejo sincero de transformar a mim e ao mundo com amor
mesmo que seja uma pétala de cada vez.

E, por fim,

à minha mãe —
mesmo que não esteja mais entre nós,
está intensamente presente no meu mundo interno,
como personagem permanente da minha história,
como memória viva em tudo o que sinto, escrevo e sou.
Pelo amor infinito que me ensinou e ainda ensina.
Pelas pétalas que brotam do que parecia ausência.
E é com a sua força que aprendi a resistir e a me transformar.
Você estará sempre viva dentro de mim.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto das intensas vivências psicodramáticas experimentadas ao longo da Formação em Psicodrama Nível I da Casa do Encontro. Neste espaço, a formação vai além da assimilação teórica: é um convite para que psicoterapeutas mergulhem em seus próprios dramas, experimentando a espontaneidade e a criatividade como ferramentas fundamentais na construção de seus papéis como psicodramatistas. Aqui, o conhecimento não se dá apenas pelo intelecto, mas também pelo corpo, pela emoção e pela experiência compartilhada, numa tessitura onde a prática e a teoria se entrelaçam organicamente.

A escrita deste trabalho nasce desse processo. Trata-se de um conto, um universo simbólico onde personagens e narrador-personagem encenam, de maneira ficcional, as vivências, os conflitos e as transformações ocorridas no Grupo-C, coletivo de psicoterapeutas que ingressaram juntos nessa jornada. O conto não se limita a ser uma criação literária; ele é um desdobramento da realidade suplementar vivida no grupo, um território de experimentação onde o que foi sentido e experienciado ganha novos contornos, permitindo um resgate e uma ressignificação da experiência psicodramática.

Mais do que uma expressão criativa, essa escrita representa uma ruptura com a rigidez acadêmica anteriormente internalizada pela autora. Ao se permitir narrar a experiência em uma linguagem que flui do espontâneo e do simbólico, ela rompe com conservas culturais que por tanto tempo limitaram sua forma de expressão. A escrita torna-se, então, um ato de liberdade, um campo fértil para a reconstrução de sentidos, um espaço decolonial onde o sentir e o imaginar adquirem a mesma legitimidade do pensar.

Este trabalho, portanto, não apenas documenta uma trajetória, mas convida o leitor a atravessá-la junto à autora, a se permitir afetar pelas palavras e a reconhecer, no conto e na teoria que o sustenta, um reflexo da própria jornada de transformação.

Resumo

ASEVEDO, Ana Gabriela Rosa de Andrade. **DO PALCO À PALAVRA: A Escrita Psicodramática como Resistência Epistemológica Decolonial e a Ressignificação do Luto.** 2025. Trabalho de Conclusão de Curso de Formação em Psicodrama (Nível 1). Casa Do Encontro Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama. Franca, 2025.

Este trabalho nasce das vivências psicodramáticas da Formação em Psicodrama Nível I da Casa do Encontro, onde teoria e prática se entrelaçam para estimular a espontaneidade e a criatividade dos participantes. A partir desse processo, a escrita criativa de um conto emerge como expressão simbólica das experiências subjetivas do Grupo-C, criando um universo ficcional que reflete os dramas, conflitos e transformações vivenciados na realidade suplementar. A narrativa proposta não apenas ilustra conceitos fundamentais do Psicodrama, como a teoria dos papéis, o espelho, o duplo e a inversão de papéis, mas também se constitui como um ato de resistência epistêmica, rompendo com conservas culturais academicistas. O trabalho adota uma abordagem autoetnográfica e qualitativa, integrando a dimensão vivencial à produção de conhecimento e dialogando com perspectivas decoloniais, que reivindicam outras formas de saber e de expressar a subjetividade. Dessa maneira, a escrita psicodramática se revela como um potente instrumento de ressignificação, permitindo que a experiência vivida ganhe novos sentidos por meio da linguagem literária.

Palavras-chave: Psicodrama, escrita criativa, autoetnografia, realidade suplementar, subjetividade, decolonialidade, espontaneidade, criatividade.

Abstract

ASEVEDO, Ana Gabriela Rosa de Andrade. **From Stage to Word: Psychodramatic Writing as Decolonial Epistemological Resistance and the Reframing of Grief.** 2025. Final Paper for the Psychodrama Training Course (Level 1). Casa Do Encontro Espaço Terapêutico e de Formação em Psicodrama. Franca, 2025.

This work emerges from the psychodramatic experiences of the Level I Psychodrama Training at Casa do Encontro, where theory and practice intertwine to stimulate participants' spontaneity and creativity. Through this process, the spontaneous writing of a short story arises as a symbolic expression of the subjective experiences of Group-C, creating a fictional universe that reflects the dramas, conflicts, and transformations experienced within the supplementary reality. The proposed narrative not only illustrates fundamental Psychodrama concepts, such as role theory, mirroring, doubling, and role reversal, but also serves as an act of epistemic resistance, breaking away from academicist cultural conserves. This study adopts an autoethnographic and qualitative approach, integrating the experiential dimension into knowledge production and engaging with decolonial perspectives that challenge traditional epistemologies and modes of expressing subjectivity. In this way, psychodramatic writing reveals itself as a powerful instrument of resignification, allowing lived experience to acquire new meanings through literary language.

Keywords: Psychodrama, spontaneous writing, autoethnography, supplementary reality, subjectivity, decoloniality, spontaneity, creativity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	8
2. OBJETIVOS.....	10
2.1 Objetivo Geral.....	10
2.2 Objetivos Específicos:.....	10
3. METODOLOGIA.....	11
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
4.1 Introdução ao Psicodrama e sua Abordagem Terapêutica.....	14
4.2 A Matriz de Identidade e os Mecanismos Psicodramáticos: Espelho, Duplo e Inversão de Papeis.....	15
4.3 A Realidade Suplementar no Psicodrama.....	17
4.4 Escrita Criativa e Psicodrama: Espontaneidade, Catarse e Realidade Suplementar.....	18
4.5 Psicodrama e Decolonialidade: A Escrita Criativa como Resistência Epistemológica	20
5. DISCUSSÃO E ANÁLISE.....	23
5.1 Rosa como Protagonista.....	23
5.2. Dinâmica Paterna.....	25
5.3 Triangulação Familiar e Transformação dos Vínculos.....	26
5.4 Processo de Luto e a Terapia Psicodramática.....	27
5.5 Cristalização de Identidade e os Limites da Espontaneidade na Dinâmica Familiar....	29
5.6 Resistências Iniciais e O Processo de Transformação: A Viagem Interior de Rosa e a Emergência de Conexões e Identificações Grupais no Psicodrama.....	36
5.7 Ressignificação do Luto e o Processo de Rematrização no Psicodrama: Desamparo, Rigidez Emocional e Reconciliação Interior.....	40
5.8 A Escrita como Ferramenta de Apropriação Identitária e Cura: O Processo Psicodramático de Reintegração Pessoal.....	43
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A Formação em Psicodrama Nível I, buscou integrar teoria e prática por meio de vivências psicodramáticas, evidenciando a experiência de um grupo autogerido voltado para a formação, no qual os participantes exploraram a espontaneidade, a criatividade e o autoconhecimento. Este trabalho de conclusão de curso resulta de uma jornada de 720 horas de formação, composta por aulas teóricas e, sobretudo, por experiências grupais transformadoras.

Nesse percurso, a escrita criativa emerge como uma ferramenta potente de expressão das vivências subjetivas, culminando na criação de um conto ficcional que retrata os dramas, conflitos e aprendizados vivenciados no ambiente psicodramático do Grupo-C.

As reflexões e análises desenvolvidas neste estudo foram viabilizadas pela posição singular que ocupo enquanto autor, uma vez que disponho de acesso privilegiado às experiências pessoais e emocionais de Rosa, protagonista do conto *A Viagem de Rosa*. Na condição de autor e, simultaneamente, personagem central dessa narrativa, sou capaz de proporcionar uma compreensão aprofundada e introspectiva dos aspectos que permeiam minha trajetória e meu processo terapêutico. Essa abordagem autorreflexiva confere maior profundidade à análise, permitindo uma interpretação mais sensível e direta. A vivência como Rosa estabelece uma conexão intrínseca com os elementos psíquicos e emocionais que estruturam a narrativa, possibilitando uma leitura detalhada das dinâmicas que compõem a personagem. Dessa forma, o conhecimento que detenho sobre minha trajetória não apenas fundamenta a construção do relato, mas também contribui significativamente para a ressignificação do meu próprio processo de transformação.

O objetivo deste trabalho é articular essa produção literária com os conceitos psicodramáticos fundamentais, explorando a relação entre a escrita criativa e a metodologia psicodramática. A narrativa criada no conto será analisada sob a ótica de elementos essenciais do Psicodrama, como a teoria dos papéis, o conceito de realidade suplementar e as técnicas psicodramáticas, como o espelho, o duplo e a inversão de papéis. Tais conceitos são fundamentais para a construção do trabalho terapêutico psicodramático e estão presentes na trama de maneira a evidenciar como os processos de transformação interna podem se dar por meio da dramatização das experiências.

A metodologia adotada para este estudo é a pesquisa-ação, que permite integrar teoria e prática, promovendo uma análise crítica e reflexiva sobre o uso da escrita criativa no contexto psicodramático (KOERICH ET AL., 2021). Esse método, que busca a transformação

contínua dos participantes e da própria prática, é complementado pela autoetnografia como fonte de dados, possibilitando uma imersão profunda nas experiências subjetivas e emocionais da autora (SANTOS, 2017). No presente estudo, a autoetnografia se manifesta por meio da escrita criativa de um conto, utilizado como ferramenta para o processamento das vivências ao longo da formação em Psicodrama. Esse recurso narrativo possibilita a elaboração simbólica das experiências, ampliando a compreensão dos processos psicodramáticos vivenciados.

Esta escrita criativa, compreendida como uma forma de resistência epistemológica e decolonial, permite a construção de narrativas que valorizam as emoções, o corpo e a subjetividade como elementos centrais na produção do conhecimento. Nesse sentido, o conceito de realidade suplementar, proposto por Moreno, é fundamental para a análise deste estudo, pois oferece uma perspectiva sobre como a narrativa ficcional pode atuar como um espaço intermediário entre a realidade objetiva e a subjetividade do autor-protagonista. A realidade suplementar não apenas amplia os limites do real, mas também possibilita que as experiências vividas sejam reorganizadas, ressignificadas criativamente e rematrizadas, promovendo uma catarse integradora. Dessa forma, a combinação entre Psicodrama e escrita criativa visa possibilitar um olhar ampliado sobre os processos de subjetivação, promovendo uma abordagem inovadora que integra prática terapêutica, produção narrativa e reflexão acadêmica.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo explorar e articular a experiência vivida durante a formação em Psicodrama Nível I, utilizando a escrita criativa como ferramenta de expressão subjetiva. A partir da criação de um conto ficcional, busca-se analisar a aplicação dos conceitos psicodramáticos fundamentais.

2.2 Objetivos Específicos:

- Compreender a relação entre a escrita criativa e a metodologia psicodramática, evidenciando como a criação literária pode refletir e potencializar os processos terapêuticos vivenciados no contexto psicodramático.
- Compreender as técnicas psicodramáticas – como o espelho, o duplo e a inversão de papéis – presentes no conto, relacionando-os aos processos terapêuticos e de ressignificação da experiência do protagonista.
- Investigar o uso do conceito de realidade suplementar no Psicodrama, através da construção simbólica presente na narrativa ficcional e sua relação com a subjetividade do autor-protagonista.
- Refletir sobre o papel da unidade funcional e os egos-auxiliares na dinâmica psicodramática e sua aplicabilidade na construção de uma narrativa terapêutica e acadêmica, promovendo uma integração entre teoria e prática.
- Proporcionar uma compreensão teórica e prática sobre o papel da escrita criativa no Psicodrama, entendendo-a como uma forma de resistência epistemológica e decolonial, que valoriza a subjetividade, o corpo e as emoções na produção de conhecimento.

3. METODOLOGIA

Este estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, adotando a pesquisa-ação como abordagem metodológica, em que a investigação ocorre simultaneamente à prática, promovendo reflexão e transformação ao longo do processo formativo em Psicodrama. A pesquisa-ação é uma pesquisa social de base empírica, que se desenvolve em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, na qual pesquisadores e participantes atuam de forma cooperativa e participativa (KOERICH ET AL., 2021). Essa abordagem permite englobar três dimensões fundamentais: ontológica, epistemológica e metodológica.

A dimensão ontológica refere-se à produção de conhecimentos que possibilita aos sujeitos compreenderem as condicionantes da práxis, promovendo mudanças nas suas práticas profissionais e aprimorando processos formativos (KOERICH ET AL., 2021). No contexto do Psicodrama, essa dimensão se expressa na relação direta entre experiência e reflexão, permitindo que os participantes ressignifiquem suas vivências e aprimorem suas atuações. Ao incorporar as perspectivas decoloniais, que também se ancoram em ontologias relacionais e metodologias colaborativas, o Psicodrama propõe um conhecimento cocriado, onde o pesquisado não é visto como passivo, mas como co-participe da construção do saber (RIBEIRO, 2023).

Ribeiro (2023) destaca ainda quatro princípios fundamentais para a pesquisa e prática psicodramáticas sob uma perspectiva decolonial. O primeiro, a luta, envolve a imersão na experiência concreta, revelando simultaneamente a conservação cultural e o potencial de transformação por meio da espontaneidade-criatividade. O segundo, a experiência, enfatiza o conhecimento como resultado da vivência sensorial e emocional em um processo de reciprocidade entre observador e observado. O terceiro princípio, o corpo, contraria a visão ocidental que o considera um obstáculo à razão, posicionando-o como instrumento central do conhecimento sensorial profundo. O quarto, a autoria, problematiza a posição do pesquisador e do psicodramatista no processo de emancipação, exigindo a superação da hierarquia epistemológica moderna para permitir a coautoria na produção de saber. Nesse contexto, a pesquisa psicodramática decolonial propõe a "colheita de dados" em vez da "coleta", reconhecendo o conhecimento como emergente da relação entre pesquisador e pesquisado. A abordagem destaca a resistência do Psicodrama diante da marginalização científica e reivindica sua legitimidade como um campo que contribui para a superação de epistemicídios históricos e a construção de práticas sociopsicoterápicas inovadoras.

A pesquisa decolonial propõe a co-construção de um projeto emancipatório que assegure a todos o direito à existência, ao trabalho, à liberdade, à justiça e à educação. A pesquisa decolonial propõe a *desobediência epistêmica*, deslocando o foco do conhecimento sobre o outro para o autoconhecimento a partir do olhar do outro. Fundamenta-se na *antropologia por demanda*, assumindo uma exposição radical à transformação recorrente pelo outro. Conceitos como *sentipensar* orientam essa abordagem, integrando razão e afeto, e corpo e coração, conforme a visão dos povos originários, que concebiam o ser humano de forma integral. Enquanto o conceito *Corazonar* que integra afetividade e racionalidade como resposta espiritual e política, na qual todo conhecimento deve ser corporificado, e o efeito e a validade da pesquisa devem ser verificados a partir da existência concreta, nas transformações dos modos de vida de indivíduos e grupos sociais (RIBEIRO, 2023).

Diante dessa perspectiva, escolho **corazonar** e **sentipensar** como os verbos que melhor definem meus objetivos e introduzem a essência do que está sendo discutido neste trabalho. Ambos expressam a fusão entre afeto e razão, corpo e pensamento, ação e experiência, alinhando-se à proposta de uma pesquisa que não apenas observa, mas sente, transforma e se transforma no processo. No entanto, devido à resistência epistemológica presente no meio acadêmico, optei por iniciar os objetivos com taxonomias menos complexas, favorecendo a compreensão do leitor dentro das estruturas convencionais da escrita acadêmica. Ainda assim, a profundidade do que foi realizado não reside na formalidade dessas taxonomias, mas na vivência e na ação concreta desses verbos, que traduzem a experiência encarnada do processo psicodramático e da escrita criativa como ato de ressignificação.

A dimensão metodológica exige, por sua natureza, procedimentos que articulem ontologia e epistemologia, promovendo uma dinâmica participativa e transformadora (KOERICH ET AL., 2021). Nesse contexto, a pesquisa-ação, como abordagem metodológica, incorpora a autoetnografia como método. A autoetnografia, realizada por meio da escrita criativa, configura-se assim como uma ferramenta de resistência epistemológica e ontológica, permitindo que o pesquisador se envolva de forma reflexiva e profunda com suas próprias experiências, ao mesmo tempo em que questiona e transforma as práticas investigadas.

De acordo com Carolyn Ellis (2004) a autoetnografia é uma "narrativa pessoal que se conecta com questões culturais e sociais mais amplas", permitindo uma análise da experiência vívida de forma íntima e ao mesmo tempo crítica. A autora defende que a escrita autoetnográfica oferece uma forma de conhecimento que não pode ser obtida apenas por

objetivos ou distantes. Ao contrário, a autoetnografia nos permite explorar a subjetividade e a emoção de maneira que se articula com as realidades externas, confirmando as interações entre o indivíduo e o coletivo. Essa abordagem não só valida as experiências pessoais como um ponto de partida para o conhecimento, mas também abre um espaço para a expressão de vulnerabilidades e sentimentos que, muitas vezes, são marginalizados em pesquisas tradicionais.

Outro aspecto central na discussão sobre autoetnografia, argumenta que essa metodologia oferece uma "forma narrativa" que explora o "eu" e, ao mesmo tempo, questiona as concepções tradicionais sobre objetividade na pesquisa. Bochner vê a autoetnografia como uma ferramenta de "construção de sentido", onde o pesquisador utiliza sua experiência vívida para refletir sobre as questões sociais e culturais que o cercam. Ele destaca que, ao escrever sobre si mesmo, o autoetnógrafo não só revela a si, mas também ao mundo, trazendo à tona aspectos que podem ser difíceis de observar de outra forma. Esse processo de escrita permite que o pesquisador compartilhe uma compreensão mais profunda de si mesmo e do seu contexto, estimulando uma análise crítica e reflexiva (BOCHNER, 2001).

Esses autores destacam que, ao adotar a autoetnografia como método, o pesquisador não se mantém como um observador distante, mas sim como um participante ativo, imerso nas experiências e narrativas investigadas por meio da escrita criativa. No percurso formativo deste estudo, esse processo de desconstrução revelou-se fundamental: após anos de internalização da escrita acadêmica como padronizações rígidas, as vivências no psicodrama abriram espaço para uma expressão mais subjetiva e espontânea. Marcados inicialmente pela objetividade e pelo distanciamento emocional, os registros foram, ao longo do tempo, ressignificados, tornando-se mais alinhados à proposta autoetnográfica de uma escrita envolvente, reflexiva e criativa.

Perazzo (2020), em *O começo do fim*, tece uma crítica contundente ao excesso de formalismo que ainda impera nas práticas acadêmicas e psicoterapêuticas, apontando como esse academicismo, ao invés de promover uma real produção de conhecimento, muitas vezes se distancia da vida e da experiência concreta dos sujeitos. Segundo o autor, a teoria descolada da prática se torna uma "máquina vazia", incapaz de gerar transformação ou afetar verdadeiramente quem a produz e quem a recebe. Ao abordar a importância de escutar o corpo, o sensível e o vivido como fontes legítimas de saber, Perazzo propõe uma ruptura com modelos que engessam a escrita e esvaziam a potência da escuta clínica e da práxis investigativa.

Nesse sentido, o pensamento de Perazzo (2020) ecoa a urgência de uma escrita e de uma prática que estejam enraizadas na experiência. Ele nos convida a ultrapassar os limites da linguagem técnica e da objetividade instrumentalizada, lembrando que a formação e a pesquisa precisam tocar a vida – e não apenas descrevê-la. O saber, quando corporificado e encarnado na relação, transforma-se em ação e resistência. A prática psicodramática, nesse contexto, emerge como um território fértil para essa reintegração entre teoria e prática, pois mobiliza o sujeito como protagonista de sua história, da escuta à escrita, do palco ao papel.

Vasconcelos et al. (2023) propõe uma política de escrita que valorize a poesia e a imaginação, explorando a cocriação de sentidos e a expressividade estética no texto acadêmico. Inspirando-se em Zerka Moreno os autores destacam a criatividade presente na "loucura" como uma potência para a escrita e para o psicodrama.

Além disso, a orientação entre ciência e arte não deve se restringir às tendências passageiras, mas sim atualizar conceitos e estabelecer um diálogo crítico com o presente, conforme apontado por Agamben (apud Vasconcelos et al., 2023). A escrita acadêmica, assim concebida, expande seus limites e incentiva uma reflexão audaciosa sobre a contemporaneidade (FISCHER, APUD VASCONCELOS ET AL., 2023).

Esse movimento culminou na produção de um conto, que se torna o objeto central de análise deste estudo. A escolha por esse gênero literário justifica-se pela sua capacidade de capturar a subjetividade e a profundidade das vivências psicodramáticas, estabelecendo um diálogo entre o realismo mágico e o surrealismo. No contexto psicodramático, a escrita criativa pode ser entendida como a expressão da realidade suplementar, conceito que se refere à construção de um espaço intermediário entre a realidade objetiva e a subjetividade, permitindo a elaboração simbólica das experiências vividas (MORENO, 1994).

Segundo Moreno (1994) a realidade suplementar, ao expandir os limites do real e possibilitar a experimentação de novas formas de ser e agir, se manifesta na narrativa ficcional como um território onde conflitos e afetos podem ser reorganizados e ressignificados criativamente. Assim, uma escrita criativa não é apenas uma ferramenta de expressão subjetiva, mas um ato de resistência epistemológica, alinhando-se a uma perspectiva decolonial que valoriza a multiplicidade de vozes e o saber encarnado.

Essa abordagem de escrita, inspirada na prática de Moreno, também se reflete na própria autobiografia do criador do Psicodrama, no livro *A Vida de um Psicoterapeuta*. Ao utilizar a escrita criativa, Moreno transcende os limites da escrita acadêmica tradicional, oferecendo uma compreensão mais rica e multidimensional de sua trajetória e da teoria

psicodramática (MORENO, 1985)¹. Assim, a escrita criativa neste estudo não só se alinha à prática psicodramática, mas também reverbera o legado de um dos seus pioneiros.

¹Para os leitores interessados, a autobiografia de Jacob Levy Moreno pode ser consultada na seguinte referência: MORENO, Jacob Levy. *A Autobiografia de J. L. Moreno*. Nova York: Beacon House, 1985.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 Introdução ao Psicodrama e sua Abordagem Terapêutica

O psicodrama, conforme descrito por Blatner e Blatner (2007), caracteriza-se como uma abordagem terapêutica holística que abrange múltiplos aspectos da experiência humana, diferenciando-se de abordagens reducionistas. Sua filosofia enfatiza o respeito à complexidade do indivíduo, permitindo a exploração e reconstrução de papéis sociais e subjetivos promovendo a criatividade e a espontaneidade como elementos fundamentais para o desenvolvimento psíquico e social.

Assim, o homem, na perspectiva moreniana, é um ser social, pois nasce em sociedade e depende dos outros para sua sobrevivência. A partir dessa concepção do ser humano em relação, a interrelação entre as pessoas se constitui como seu eixo fundamental (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988).

Segundo Blatner e Blatner (2007), o psicodrama clássico, conforme delineado por Moreno, é estruturado a partir de cinco elementos fundamentais que orientam sua prática terapêutica. O primeiro elemento é o **protagonista**, geralmente representado pelo paciente, que vivencia e expressa suas experiências emocionais por meio da dramatização. O segundo é o **diretor**, que desempenha o papel de terapeuta, conduzindo a sessão e facilitando o processo psicodramático. O terceiro elemento é o **ego-auxiliar**, função desempenhada por um co-terapeuta ou por outro paciente, que auxilia o protagonista na exploração da dramatização. Além desses, há o **palco**, que, ainda que possa ser um espaço simples dentro da sala de terapia, deve ser suficientemente amplo para permitir a movimentação física necessária à expressão dramática.

O diretor e o ego-auxiliar são chamados de unidade funcional, que pode ser caracterizada como uma equipe de terapeutas, com diferenciação ou não de papéis e funções, que realizam juntos, no mesmo espaço e tempo, uma atividade (ALMEIDA, 1999).

Moreno define as funções de diretor e de ego-auxiliar no contexto psicodramático, atribuindo a cada um três papéis fundamentais. O diretor exerce as funções de produtor, terapeuta principal e analista social. Como produtor, ele atua como um coordenador, estruturando a cena com base nas experiências e necessidades dos participantes, sem importar um roteiro pré-estabelecido. Enquanto agente terapêutico, é responsável por garantir que o processo promova benefícios psicológicos, estimulando a espontaneidade dos indivíduos e conduzindo a experiência catártica do grupo. Já na função de analista social, utiliza os egos-auxiliares como extensões de sua própria percepção, a fim de coletar informações sobre

os participantes e influenciar suas interações, assumindo um papel ativo no processo, em vez de mero observador (ALMEIDA, 1999).

O ego-auxiliar, por sua vez, desempenha um papel duplo: além de representar personagens dentro da dramatização, observa e analisa sua própria experiência na cena. Enviado pelo diretor com uma função específica, ele registra suas percepções e reações durante e após a atuação, tornando-se um instrumento fundamental na investigação social e na construção das dinâmicas psicodramáticas (ALMEIDA, 1999).

O desenvolvimento da sessão psicodramática ocorre em três etapas: **aquecimento, dramatização e compartilhamento** (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988).

No aquecimento, cria-se uma atmosfera de confiança que favorece a espontaneidade, estimulando a expressão emocional dos participantes (MORENO, 1994). O treino da espontaneidade, através do aquecimento, é a forma desenvolvida por Moreno para resgatar estados de espontaneidade que, por um momento, conseguem se expressar como uma “centelha divina”. A espontaneidade tem efeitos ressonantes em grupos: um indivíduo em estado de espontaneidade provoca nos demais o mesmo tipo de resposta, proporcionando uma relação télica (MORENO, 1946).

Desta maneira cria-se um clima protagônico no psicodrama: é a atmosfera emocional que envolve o protagonista, podendo ser tensa ou catártica. O tema protagônico, que orienta e impulsiona a dramatização psicodramática, é o conflito central que guia a narrativa. Esse conflito é crucial para o psicodrama, motivando o desenvolvimento do personagem (MORENO, 1994). Gerando histórias significativas, onde o conflito interno do protagonista e a busca por sentido em sua vida são fundamentais para o processo terapêutico (YALOM, 2006).

A **dramatização** se desdobra em quatro momentos distintos: montagem da cena, onde se contextualiza o tempo e espaço do evento; investigação, focada na concretização dos sentimentos por meio da dramatização e troca de papéis; elaboração, que utiliza técnicas clássicas para promover a reflexão; e resolução, em que se exploram realidades suplementares, permitindo a recriação de fatos e fantasias como alternativas ao conflito (BUSTOS, 2005). Desta forma a ação dramática no Psicodrama é composta por uma interação dinâmica entre as subjetividades dos protagonistas, do diretor, dos egos-auxiliares e da plateia, gerando um processo contínuo de co-protagonização (MORENO, 1994).

Por fim, o **compartilhamento**, em que os participantes são incentivados a expressar suas impressões pessoais sobre a experiência, evitando comentários diretos sobre a cena dramatizada (BUSTOS, 2005). Além disso, este processo desempenha um papel fundamental,

permitindo a verbalização das vivências, o que facilita a integração das descobertas realizadas durante a dramatização e potencializa a capacidade reflexiva do indivíduo (MORENO, 1994).

Segundo Bustos (2005), essa etapa permite que cada indivíduo expresse suas experiências subjetivas, ampliando a percepção do protagonista sobre sua própria vivência sem a interferência de julgamentos ou análises externas. Dessa forma, o compartilhamento se torna um espaço de validação e reconhecimento mútuo, fortalecendo a coesão grupal e possibilitando que o protagonista ressignifique suas emoções a partir do encontro com o outro. Ao permitir que diferentes perspectivas sejam integradas ao relato individual, esse processo contribui para a construção de um saber coletivo, onde a experiência singular se entrelaça com a vivência grupal, potencializando a transformação psicodramática.

4.2 A Matriz de Identidade e os Técnicas Psicodramáticas: Espelho, Duplo e Inversão de Papéis

Moreno (1946) introduz o conceito de **Matriz de Identidade** como base para a compreensão da teoria da espontaneidade no desenvolvimento infantil, enfatizando a criança como um gênio em potencial, cujo crescimento ocorre por meio da co-existência, co-ação e co-experiência. Desde o nascimento, o bebê vivencia um processo preparatório para estados espontâneos, estabelecendo os fundamentos do primeiro aprendizado emocional.

Nesse contexto, Moreno (1946) delineia três fases essenciais da Matriz de Identidade, posteriormente ampliadas e aprofundadas por Fonseca (1980), que incorporou influências de Buber e outros autores para compreender a aprendizagem relacional. Segundo Fonseca (1980), as fases da Matriz de Identidade são: **Indiferenciação**, caracterizada pela fusão EU-TU e associada à técnica do duplo; **Reconhecimento do EU**, fase em que a criança começa a desempenhar seu próprio papel, vinculada às técnicas do espelho e solilóquio; e **Reconhecimento do TU**, momento em que a criança percebe as reações do outro, envolvendo a inversão de papéis e suas variações. A fase final, o **Encontro**, representa a reconexão com o cosmos, uma experiência transcendental de integração e fortalecimento da identidade, na qual o EU se torna mais autêntico e o TU mais definido. O encontro, conforme Moreno, convoca à sensibilidade no relacionamento com o outro, buscando libertar o indivíduo da rigidez do "homem-robô", promovendo uma empatia mútua, também conhecida como **tele** ou tele sensibilidade (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988).

As experiências vivenciadas na Matriz de Identidade são fundamentais para a formação e transformação dos papéis sociais. Segundo a Teoria dos Papéis de Moreno (2001), os indivíduos desempenham múltiplos papéis ao longo da vida, moldados pelas interações

sociais e pela dinâmica com o outro. Cada papel reflete uma faceta da identidade, que pode ser expandida ou transformada por meio das experiências vividas, tanto no contexto psicodramático quanto no cotidiano.

A Matriz de Identidade, conforme Fonseca (1980), é composta pelas fases de Indiferenciação, Reconhecimento do EU, Reconhecimento do TU e Encontro, sendo essencial para o desenvolvimento desses papéis. Nesse processo, os mecanismos psicodramáticos, como o espelho, o duplo e a inversão de papéis, desempenham um papel crucial na construção da identidade. O espelho reflete as ações ou emoções de outro personagem, promovendo uma nova percepção de si mesmo e do outro. O duplo exterioriza facetas do protagonista, seja de forma idealizada ou como projeção de seus medos e desejos, enquanto a inversão de papéis permite a vivência de perspectivas opostas, ajudando na autoexploração e compreensão das próprias emoções.

Esses mecanismos não apenas refletem os conflitos internos dos personagens, mas também as dinâmicas coletivas do grupo, funcionando como ferramentas de transformação e ressignificação da identidade, tanto no contexto psicodramático quanto nas interações cotidianas (MORENO, 2001; ZERKA MORENO, 1987; FONSECA, 1980).

A tele é um fenômeno fundamental no psicodrama, essencial para o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis, facilitando o crescimento emocional e a transformação dentro do processo terapêutico. Ao contrário da transferência, que está ligada a projeções unilaterais de sentimentos do passado (KIPPER, 2001).

Aguiar (1990) promoveu uma revolução conceitual ao reformular o conceito de tele, originalmente desenvolvido por Moreno, ampliando sua compreensão além da simples percepção empática entre indivíduos. Aguiar vinculou a tele ao projeto dramático — processo em que os participantes, por meio da dramatização, constroem cenas e interações com base em suas vivências internas — e ao campo de escolhas sociométricas, que refere-se às escolhas e preferências relacionais que os indivíduos fazem dentro de um grupo, influenciadas pela dinâmica sociométrica. Nesse novo entendimento, a tele foi vista como um movimento relacional dinâmico, em que as interações entre os participantes são vistas não apenas como percepções, mas como partes ativas da criação de uma realidade suplementar, ou seja, a recriação de situações que não ocorreram na realidade, mas que podem trazer novas compreensões e resoluções para os conflitos. Além disso, essa visão ampliada de tele se conecta à noção de encontro, conforme desenvolvido por Moreno, que implica uma interação genuína e transformadora entre os indivíduos.

4.3 A Realidade Suplementar no Psicodrama

O conceito de **realidade suplementar**, proposto por Moreno (1983) em seu artigo Psicoterapia de Grupo, descreve um espaço intermediário entre a realidade objetiva e a imaginação, onde os participantes do Psicodrama podem representar, reconfigurar e experimentar novas formas de enfrentamento de seus conflitos internos e emocionais. O psicodrama tem um impacto psicológico profundo sobre os protagonistas, co-autores e o grupo, pois não há uma audiência, todos participam ativamente da cena. A ação ocorre no palco, no "aqui e agora", de maneira única e irrepetível. Diferente de um simples teatro de expressão, o psicodrama é um "Teatro do Encontro", que envolve confronto e interação, promovendo o êxtase e forçando o indivíduo a transcender seus limites pessoais. Essa experiência é vivida dentro de uma "realidade suplementar", onde o indivíduo é liberado das fronteiras do mundo real (Zerka MORENO, 2001).

Como explicado por Moreno em suas palavras:

O psicodrama não consiste apenas na encenação de episódios, passados, presentes e futuros, que são vivenciados e concebidos no cenário da realidade um equívoco frequente. Há no psicodrama um tipo de experiência que ultrapassa a realidade, que oferece ao sujeito uma nova e extensiva experiência de realidade, uma realidade suplementar[...]. Essa expansão da experiência é possibilitada no psicodrama pelos métodos não usados na vida egos auxiliares, cadeira auxiliar, duplo, inversão de papéis, espelho, loja mágica, a cadeira alta, o bebê psicodramático, o solilóquio, o ensaio da vida e outros (MORENO, 1983).

Moreno (1993) apresenta uma distinção entre quatro tipos de realidades que permeiam nossas experiências: a realidade social, a matriz sociométrica, a sociedade externa e a realidade suplementar. A matriz sociométrica diz respeito às redes afetivas invisíveis, como as interações psicossociais que influenciam as relações. A sociedade externa engloba os grupos formais e informais, que refletem as resistências às necessidades e desejos dos indivíduos. A realidade social surge como uma síntese dinâmica entre a matriz sociométrica e a sociedade externa, conectando o que é visível com o que é invisível nas interações humanas (MORENO, 1946/1984 apud NERY, 2021). Essas diferentes realidades se interligam com os contextos social, grupal e dramático. No domínio social, atuamos segundo os papéis socioculturais estabelecidos; no grupal, vivenciamos a continência do processo sociátrico; e no dramático, damos vida ao imaginário, criando uma realidade suplementar (NERY, 2021).

Gottlieb e Perazzo (2016, p. 176) destacam que a realidade suplementar é uma dimensão dinâmica da imaginação e fantasia, concomitantemente como o espaço onde nossa criatividade se manifesta. Essa realidade não se mantém isolada, mas se interage de forma

constante com a realidade cotidiana, alterando-a. A espontaneidade é o que impulsiona esse movimento entre os dois planos, que, longe de serem paralelos, estão sempre em fluxo e permeabilidade, permitindo uma troca constante entre eles.

A realidade suplementar, dentro do psicodrama, está intimamente ligada à espontaneidade e à criatividade, oferecendo um espaço único no qual o indivíduo pode "recriar a realidade" a partir de novas perspectivas e interpretações. Esse processo permite que o participante explore diferentes formas de lidar com seus conflitos e desafios, promovendo um crescimento pessoal significativo. Ao interagir com a realidade suplementar, o indivíduo tem a oportunidade de reinterpretar eventos passados ou atuais, criando novas formas de expressão emocional e comportamental, antes muitas vezes inibidas ou não acessíveis. Assim, o psicodrama não apenas expande a percepção da realidade, mas também estimula a criatividade ao permitir a reinvenção de narrativas e a construção de novas possibilidades de vida. Esse ambiente de "recriação" e transformação é um terreno fértil para a espontaneidade, que se configura como uma força essencial no processo psicodramático. A partir desse contexto, é possível perceber como a espontaneidade e a criatividade são alicerces que sustentam a prática psicodramática, o que nos leva a refletir sobre o papel fundamental desses elementos no desenvolvimento humano, tema que exploraremos a seguir. (KIPPER, 2007).

4.4 Criatividade e Espontaneidade no Psicodrama: Fundamentos, Dinâmicas e Impactos

A espontaneidade e a criatividade são conceitos fundamentais no Psicodrama, e essenciais para o desenvolvimento emocional e psíquico dos indivíduos. Para Moreno, a espontaneidade consiste em uma nova resposta a uma situação conhecida ou uma resposta adequada a uma nova circunstância. A rigidez dos papéis sociais pode levar à estereotipação, exigindo renovação por meio da criatividade e da espontaneidade. (Zerka MORENO, 2001).

De acordo com Fonseca (2008), Moreno enxerga o ser humano como um ser com grande potencial, cuja espontaneidade e criatividade são inatas, mas muitas vezes reprimidas ao longo da vida devido a pressões sociais, morais e culturais. Para ele, a criatividade e a espontaneidade não são impulsos derivados da libido ou de instintos animais, mas fenômenos positivos e essenciais (MORENO, 1946).

Moreno (1946) acredita que as estruturas civilizatórias tendem a reprimir a espontaneidade. E propõe que cada indivíduo possui uma matriz espontânea que molda sua personalidade, mas as normas sociais do mundo moderno frequentemente bloqueiam a capacidade criativa, limitando a liberdade de resposta a novos estímulos. Assim, as pessoas

acabam se tornando parte de um sistema rígido, sem liberdade para criar seu próprio destino ou participar plenamente da sociedade. Para Moreno, a cultura deve ser vista como ponto de partida para a expressão criativa, e não como algo que aprisiona a espontaneidade (GONÇALVES, WOLFF e ALMEIDA, 1988).

A criatividade, assim como a espontaneidade, é um dos pilares fundamentais do psicodrama. No livro *Quem sobreviverá?*, Moreno (1992) enfatiza que a sobrevivência está diretamente ligada à capacidade de criar. Para ele, a criatividade é uma característica presente em todos os seres vivos e essencial para a adaptação e transformação da realidade. Embora frequentemente tratadas em conjunto, espontaneidade e criatividade não são sinônimos e podem ocorrer de forma independente (FONSECA, 1980).

Quando há espontaneidade sem criatividade, surge o que Moreno (1946) chama de "idiota espontâneo", alguém que expressa emoções de forma intensa, mas sem produzir algo novo. Por outro lado, existe o indivíduo altamente criativo e produtivo, mas sem expressão pessoal significativa. No psicodrama, busca-se integrar espontaneidade e criatividade no momento presente, favorecendo a autenticidade e a inovação nas interações.

É fundamental destacar que espontaneidade e conserva cultural não se manifestam de maneira isolada, pois uma depende da outra para existir. Dessa forma, embora não seja possível alcançar uma espontaneidade ou uma conserva cultural absolutas, ambas funcionam como princípios heurísticos essenciais no desenvolvimento humano (MORENO, 1946).

Desta forma a espontaneidade é um componente essencial da criatividade, sendo um fator central para a autonomia e a responsabilidade pessoal e interpessoal. O método não se limita à dramatização de eventos passados, mas possibilita a reestruturação da experiência do indivíduo por meio da experimentação ativa de diferentes perspectivas e interações. Assim, o "drama" no psicodrama não se restringe à performance teatral, mas representa a flexibilidade de papéis e a possibilidade de ressignificação da própria história. Dessa forma, o psicodrama se consolida como uma ferramenta poderosa para o autoconhecimento e o desenvolvimento pessoal, permitindo que o indivíduo explore suas emoções, papéis e relações em um espaço seguro e estruturado (BLATNER & BLATNER, 2007).

Conforme Naffah Neto (1997), Moreno descreve o indivíduo saudável como aquele que é espontâneo e criativo, capaz de estabelecer relações teleológicas. Esse indivíduo está constantemente imerso no presente e tem a habilidade de revisar e transformar suas maneiras de ser diante de cada situação vívida. Além disso, ele é capaz de mobilizar sua imaginação para promover mudanças na realidade.

Zerka Moreno (2001) critica a limitação da linguagem verbal como único instrumento terapêutico, destacando que sua interpretação dependeria da perspectiva teórica de cada terapeuta, impossibilitando uma significação universal. Ela questiona a supremacia da linguagem na comunicação, argumentando que outras formas expressivas, como música, dança, mímica, escultura e pintura, também desempenham esse papel de maneira única. Buscando um modelo mais dinâmico e profundo, capaz de acessar diferentes camadas da mente e superar as restrições da comunicação verbal.

Assim, a escrita criativa emerge como uma expressão espontânea de uma realidade suplementar vivenciada no psicodrama, ampliando suas possibilidades terapêuticas e podendo ser transformada em peças teatrais. MORENO (1993) já concebia o teatro como um recurso terapêutico mais abrangente, evidenciando seu potencial não apenas para o autoconhecimento, mas também para a reconstrução simbólica da experiência. Essa perspectiva nos leva à relação entre psicodrama e decolonialidade, onde a escrita criativa se configura como um ato de resistência e ressignificação epistemológica, assim como o próprio psicodrama.

4.5 Psicodrama e Decolonialidade: A Escrita Criativa como Resistência Epistemológica

A decolonialidade e a resistência epistemológica são conceitos centrais para a análise das práticas psicoterapêuticas, incluindo o psicodrama, em um contexto de colonialidade do saber e poder. A decolonialidade refere-se ao movimento de descolonização do conhecimento, desafiando estruturas hegemônicas e propondo novas formas de pensar e agir baseadas em saberes periféricos e subalternizados (MIGNOLO, 2017). O pensamento decolonial critica o epistemicídio, termo definido por SANTOS (2021) como a destruição sistemática de formas de saber consideradas inferiores pelo colonialismo moderno, promovendo a valorização de conhecimentos historicamente marginalizados.

Esse processo suprime sistemas de conhecimento minoritários e alheios ao paradigma eurocêntrico, cartesiano, positivista e racional, que ainda predomina na produção científica. Em contraposição, Santos propõe a identificação e valorização de saberes que sequer são reconhecidos como conhecimento pelas epistemologias dominantes. Nesse contexto, emergem espaços insurgentes e grupos de pesquisadores comprometidos em desenvolver, com seriedade e competência, novas formas de produzir ciência (RIBEIRO, 2023).

Nesse contexto, a resistência epistemológica desafia a lógica eurocêntrica que silenciou saberes tradicionais, como a oralidade dos povos originários. Krenak (2017)

evidencia como essa colonialidade afastou esses povos de suas narrativas e territórios, reduzindo sua relação com a natureza a um recurso explorável. A literatura indígena contemporânea, enraizada na oralidade, reconstrói mitos e identidades, desafiando a hegemonia literária ocidental através de autores como Graça Graúna e Krenak. Assim, a escrita de contos torna-se um resgate ancestral e um ato de resistência epistemológica, assegurando a continuidade desses saberes enraizados na memória coletiva (MELO E REIS, 2021).

As narrativas, apresentadas em diversos formatos como contos, memórias e produções científicas, funcionam como um meio de comunicação que atravessa tempo, cultura e história, sendo moldadas pela interação entre o sujeito e a sociedade. Ao narrar sua própria vida, o sujeito se coloca como autor e intérprete de si mesmo, tornando a narrativa um processo criativo que não é totalmente controlado, semelhante à ficção. Assim, o relato autobiográfico não apenas representa o sujeito, mas o constrói, criando sua e as relações com o Outro dentro de um contexto intersubjetivo e cultural (CARVALHO, 2003).

Uma narrativa pode ser entendida como uma criação, uma gênese ontológica, que posiciona e institui uma nova maneira de ser, existir e pensar. Nesse contexto, os indivíduos deixam de ser vistos apenas como receptores passivos de informações, passando a ser reconhecidos como agentes ativos na construção de significados que surgem da interação entre eles e a sociedade (CASTORIADIS, 1982).

O psicodrama manifesta resistência epistemológica ao valorizar experiências e vivências subjetivas como fontes legítimas de conhecimento. Sua prática possibilita a externalização de conflitos internos e sociais, promovendo empoderamento e criação, alinhando-se com a perspectiva decolonial ao legitimar saberes marginalizados (Moreno, 1994). Dessa forma, contesta epistemologias normativas que patologizam ou silenciam determinadas experiências (GOULART, 2006). A construção do protagonista no psicodrama reforça essa perspectiva ao deslocar o indivíduo de uma posição passiva para ativa na transformação de sua realidade, resistindo a epistemologias hegemônicas que desconsideram vivências de grupos historicamente oprimidos (GROSFOGUEL, 2007; NERY, 2015).

O conceito de realidade suplementar no psicodrama permite recriar e reorganizar experiências subjetivas, criando um "palco" simbólico para explorar e transformar conflitos e emoções (MORENO, 1994; NERY, 2015). No contexto da escrita criativa, o psicodrama encontra paralelos na construção narrativa do conto, onde personagens representam aspectos das vivências do autor e de seu grupo, funcionando como instrumentos para ressignificação emocional (SILVA, 2024). A espontaneidade e criatividade, essenciais no psicodrama, permite

acessar camadas profundas das emoções e desenvolver novas formas de enfrentamento, refletindo-se na escrita como uma expressão livre e catártica (GOULART, 2006).

A escrita criativa surge como uma ferramenta essencial para lidar com o Real, atuando como uma ponte que oferece estrutura para o que escapa à compreensão, criando uma "borda" para o que não pode ser completamente simbolizado ou compreendido. Dessa forma, a literatura cria um espaço no qual o trauma e o real podem ser confrontados. A escrita, enquanto forma de arte, pode ser vista como uma "borda" ou "função de borda", sendo capaz de estabelecer limites entre diferentes dimensões da experiência psíquica. Ela auxilia na contenção e organização de experiências que podem parecer caóticas ou ameaçadoras para o indivíduo, ao mesmo tempo em que proporciona um ambiente seguro para a expressão criativa e a exploração simbólica. Assim, é fundamental adotar uma abordagem holística e personalizada no tratamento psicológico, avaliando a singularidade de cada sujeito e ajustando a intervenção terapêutica de acordo com suas necessidades e contextos específicos (OLIVEIRA, FERREIRA, BRUCE E VELOSO 2024).

5. DISCUSSÃO E ANÁLISE

O conto, apresentado na íntegra como **Apêndice A**, foi elaborado como parte do processo de apresentação final do Nível 1 da formação em psicodrama na Casa do Encontro. Sua leitura integral é fundamental para possibilitar uma compreensão profunda e completa do processo de subjetivação, permitindo ao leitor acessar as camadas de significados que se desvelam ao longo dessa jornada terapêutica.

Durante a fase de apresentações finais imersivas, os participantes foram incentivados a se expressar de forma criativa e espontânea, com o intuito de explorar e externalizar suas vivências e progressos terapêuticos. O psicodrama, ao proporcionar a oportunidade de cada indivíduo se posicionar como protagonista de sua própria narrativa, cria um ambiente singular para compartilhar os frutos dessa experiência grupal de auto-descoberta e transformação. Foi nessa circunstância que o conto *A Viagem de Rosa* nasceu.

É importante contextualizar que a escrita do conto representou um processo desafiador e transformador, refletindo uma trajetória de superação pessoal. De forma geral, a escrita foi marcada por traumas e sofrimento, derivados das práticas de alfabetização tradicionais. Como Paulo Freire (1970) destaca em *Pedagogia do Oprimido*, a educação tradicional, com sua abordagem "bancária", impõe conteúdos desconectados da vivência concreta do estudante, tratando-o como um recipiente vazio a ser preenchido com saberes que não estabelecem diálogo com sua realidade. Essa perspectiva educacional contribuiu para a alienação do meu

processo de aprendizagem e da linguagem como ferramenta de expressão genuína. Esse modelo de ensino, que não dialogava com minha própria experiência subjetiva, alimentava uma crença limitante de incapacidade de escrever, associada a sentimentos de angústia e frustração. A alfabetização convencional, longe de ser um processo de descoberta, parecia um ato de colonização do pensamento, desconsiderando a pluralidade de formas de aprendizado e as particularidades de cada indivíduo.

Esse foi o ponto de partida para uma mudança significativa, que ocorreu a partir da imersão no psicodrama, onde passei a perceber a escrita não como uma imposição externa, mas como uma prática espontânea e criativa que emergia de minhas próprias cenas internas e imagéticas. No psicodrama, a criação de cenas e personagens não apenas representava a dramatização de experiências vividas, mas também abria espaço para a reinterpretação e recriação de realidades passadas ou presentes. A escrita, nesse contexto, deixou de ser vista como uma sequência de palavras que construíam cenas e passou a ser compreendida como uma prática que segue a lógica do pensamento visual ou imagético, conforme abordado por Lopes (2004). Essa abordagem sugere que o pensamento humano é composto por imagens e representações visuais antes de se transformar em linguagem verbal.

Este processo de pensamento imagético tornou-se central na minha experiência de escrita. Quando comecei a imaginar cenas e personagens no espaço psicodramático, internalizei uma nova forma de construir narrativas. As palavras, nesse processo, não eram mais simplesmente a ferramenta para construir cenas, mas as cenas passaram a gerar as palavras. Ao criar personagens e situações, comecei a "visualizar" as narrativas que desejava escrever, acessando uma forma de pensamento que se construiu por meio de imagens antes de ser verbalizada. Nesse momento, a escrita se tornou um espaço para a recriação da realidade, uma realidade suplementar que, assim como no psicodrama, podia ser moldada, transformada e reinterpretada.

Essa articulação entre a escrita e o pensamento imagético, conforme abordado por Lopes (2004), reflete claramente a interação com a realidade suplementar no psicodrama. Ao reconstruir cenas e personagens psicodramáticos, realizei um desdobramento simbólico que pode ser relacionado à ideia de dobra proposta por Deleuze e Guattari (1995). Essa dobra permite acessar diferentes camadas de subjetividade, proporcionando-me a capacidade de recriar minha realidade e desenvolver uma nova maneira de ver e escrever sobre minha vida. O processo de 'recriar a realidade' por meio da escrita, de maneira análoga ao percurso terapêutico do Psicodrama, permitiu-me explorar novas formas de expressão, rematizar

experiências e reencontrar a centelha divina — o potencial sagrado de construir a própria existência com espontaneidade e criatividade, como sonhava Moreno.

No momento da leitura do conto na apresentação final, o palco estava carregado de simbolismo e emoção. Sobre ele, expus fotos de minha mãe, acompanhadas de pétalas de rosa que cobriam o chão e de rosas brancas e vermelhas dispostas ao lado das imagens. Essa composição tinha o propósito de me conectar à minha própria história e às memórias de minha mãe, conferindo ao momento uma atmosfera de profunda reverência e significado.

Tive a oportunidade de compartilhar esse momento com meu pai e minha irmã, que estavam ao redor do palco e também foram personagens importantes no conto. A presença deles foi essencial, pois permitiu que o intenso processo terapêutico vivenciado no psicodrama transcendesse os limites da Casa do Encontro, tocando diretamente aqueles que sempre fizeram parte da minha história. A leitura do conto se tornou, assim, não apenas uma expressão do meu percurso pessoal, mas também uma chance de compartilhar com minha família as curas e transformações vividas durante o processo terapêutico. Foi um momento de conexão profunda, no qual experimentei a transcendência e a cura, e os muros da Casa do Encontro se desfizeram, permitindo que os frutos do trabalho grupal alcançassem aqueles que estavam mais próximos de mim.

A escrita, nesse contexto, tornou-se uma expressão profunda da minha jornada interna vivida por meio do psicodrama. Cada palavra e cada imagem evocavam não apenas a minha história, mas também o impacto terapêutico que a experiência grupal havia gerado. A espontaneidade e a criatividade, que antes eram territórios desconhecidos para mim, se revelaram como ferramentas poderosas de expressão, permitindo-me acessar e externalizar minhas emoções mais profundas. Esse momento no palco foi, portanto, um marco na minha jornada terapêutica, simbolizando a transformação e o resgate da espontaneidade como um processo de cura e autoconhecimento.

5.1 A escolha do título: “A viagem de Rosa”

O título "A Viagem de Rosa" foi escolhido para refletir não apenas a aptidão física, mas também um movimento interno profundo, representado pela ação da palavra "viagem" com "J". A escolha dessa grafia, em vez de "viagem" com "G", é uma decisão deliberada que traz consigo um significado simbólico importante. Enquanto "viagem" com "G" é comumente associada à disposição física, ao movimento no espaço, "viagem" com "J" sugere um movimento mais dinâmico e ativo, relacionado ao processo interno, à transformação pessoal e

ao fluxo de pensamentos e sentimentos. A grafia com "J" aponta para a ação, uma jornada que não se restringe a uma trajetória física, mas que envolve a própria consciência e o processo de autodescoberta, como é o caso do percurso terapêutico do protagonista. A viagem de trem, nesse contexto, simboliza uma travessia não apenas geográfica, mas também emocional e mental, envolvendo a exploração de novas perspectivas e a cura interior.

Além disso, a escolha do "J" também faz alusão ao movimento criativo da escrita, que, tal como uma viagem, é um processo contínuo de fluxo, reflexão e expressão, capaz de criar novos caminhos a partir das experiências vívidas. Assim, o título “A Viagem de Rosa” é uma ação de mover-se com a transformação interna, simbolizando tanto a trajetória física quanto o emocional e criativo do protagonista.

5.2 Rosa como Protagonista

Esta história é verdadeira, exceto pelas partes que foram completamente inventadas.

Os pensamentos e as palavras batiam no peito e foram sendo arrancados do coração pouco a pouco, e é com essa emoção e sensação que começo esta história:

Rosa é uma garota que caminha pela vida procurando se encontrar. Ganhou este nome, pois, segundo sua mãe, era o símbolo do brasão de sua família. Já para seu pai, "a Rosa" é uma flor consagrada a muitas deusas da mitologia, símbolo de Afrodite e de Vênus (deusa grega e romana do amor e feminilidade). Mas, para a própria Rosa, seu nome não carregava um significado próprio. Ela nunca quis se limitar a rótulos — preferia construir, por si mesma, os sentidos que dariam cor à sua existência.

A protagonista representa o personagem principal que vivencia o conflito e passa por uma transformação ao longo da narrativa. A construção da protagonista na escrita segue os princípios do Psicodrama, levando em consideração seu desenvolvimento emocional e as interações com outros personagens.

A matriz de identidade, representada pelo pai, pela mãe e pela irmã da autora, é introduzida logo no início da narrativa, estabelecendo as bases de suas primeiras interações e vínculos afetivos. Essas relações inaugurais funcionam como um alicerce simbólico que se desdobra ao longo da história, refletindo-se em outras conexões que ela construiu ao longo da vida.

Os personagens secundários, em analogia aos egos-auxiliares, desempenham um papel fundamental ao auxiliar na construção da trama e no desenvolvimento do protagonista, enriquecendo a narrativa com suas próprias subjetividades. Esses personagens secundários são

essenciais para o processo de transformação do protagonista, funcionando como suportes emocionais que refletem aspectos do conflito central.

A escolha do nome *Rosa* para a protagonista pode ser interpretada como um reflexo das influências culturais e familiares herdadas, especialmente no que diz respeito ao simbolismo do brasão da família. O nome *Rosa* remete à herança cultural transmitida pela mãe de Rosa, que visa preservar e repassar valores e tradições familiares para a próxima geração. Essa transmissão de legados culturais pode ser vista como uma tentativa de manutenção de uma identidade familiar e histórica, que se perpetua através das escolhas feitas pelas gerações anteriores.

Por outro lado, a escolha do nome também se relaciona com as expectativas de gênero do pai de Rosa, que espera que ela represente uma certa feminilidade e cumpra papéis específicos dentro das normas sociais de gênero. No entanto, é fundamental entender que o gênero é uma construção social que não deve ser encarada de maneira binária, mas sim através de um espectro fluido que permite a multiplicidade de expressões e identidades (Butler, 1990; Foucault, 1988). Nesse sentido, o nome *Rosa* também pode ser visto como um reflexo das pressões sociais e familiares que moldam as expectativas sobre o comportamento e o papel da protagonista.

Entretanto, ao longo de sua jornada, Rosa busca construir sua própria identidade, questionando as normas e expectativas impostas. Esse processo de autodescoberta e de ressignificação das influências externas é um caminho de afirmação pessoal, no qual a protagonista se empenha em definir-se de maneira única e independente. Rosa, ao romper com as imposições de gênero e com os legados familiares, se dedica à busca de sua própria trajetória, o que a coloca em um processo contínuo de construção da identidade e de resistência às pressões externas.

5.3 Dinâmica Paterna

O pai de Rosa é um homem muito doce e gentil, seus olhos mudam de cor segundo os pensamentos. Suas mãos são marcadas como rachaduras na terra, pois para ele a vida só faz sentido através do trabalho, assim como era para o seu avô que deixara de herança grandes ensinamentos.

A ausência paterna, expressa pela crença de que o sentido da vida está intimamente ligado ao trabalho, reflete uma visão comum entre os homens da geração Baby Boomer, educados em um contexto pós-Guerra Fria, marcado por transformações econômicas e sociais profundas. O modelo capitalista neoliberal que emergiu nesse período reforçou a ideia de que

o trabalho é a principal fonte de realização e identidade masculina. Para o pai de Rosa, essa concepção foi herdada de seu próprio avô, que também via o trabalho como o eixo central de sua existência (SANTOS et al., 2011).

Esse contexto histórico e a construção do papel de gênero impuseram uma pressão sobre os homens para que assumissem o papel de principais provedores da família. Esse modelo, entretanto, frequentemente resultou em uma dissociação entre as dimensões emocionais e produtivas da vida. A expectativa social imposta aos homens de se definirem pelo sucesso profissional e pela capacidade de sustentar financeiramente a família muitas vezes levou à negligência das necessidades afetivas nas relações familiares (Connell, 1995; Scott, 1996).

No caso do pai de Rosa, essa ênfase no trabalho e no provimento financeiro se reflete na sua desconexão emocional com a filha. Ele coloca sua identidade e valor em sua função produtiva, em detrimento de uma interação emocional mais próxima com a família. Essa dinâmica evidencia a dicotomia entre o papel tradicional de provedor e uma paternidade emocionalmente distante, um padrão comum entre homens desta geração.

5.4 Triangulação Familiar e Transformação dos Vínculos

Ele conheceu a mãe de Rosa em uma viagem de moto, casaram dois meses depois, tiveram Rosa depois de 4 anos de relacionamento, ela sempre foi muito desejada.

Logo que Rosa nasceu sua mãe descobriu que estava grávida novamente e sua irmã nasceu ocupando todos os espaços, inclusive o coração de Rosa que agora ganha uma melhor amiga.

Hoje mais velha sua irmã desconfia de todo mundo e quando se sente ameaçada se transforma em onça-pintada, poder herdado pela mãe. Um dia Rosa ouviu gritos estrondosos pela mata, saiu na varanda apertando os olhos para tentar enxergar e assustou-se ao ver olhos brilhantes feito fogo através da escuridão. Versando pela mata e trilhas da terra, foi seguindo as marcas e galhos quebrados, os cheiros e um sexto sentido, assim ela avista a onça com seu filhotinho. No instante em que Rosa avista aquela oncinha seu coração transborda de amor, ao segurá-la no colo ela se transforma em uma linda bebezinha que olha profundamente em seu olhos e essa conexão instantânea irá durar por toda a vida.

A chegada da irmã de Rosa representa um impacto emocional significativo, marcando a perda precoce da exclusividade do olhar materno. Desde o nascimento, a irmã ocupa um espaço afetivo que antes era exclusivamente de Rosa, gerando uma contradição dolorosa. A chegada da irmã traz a promessa de uma nova ligação afetiva, mas também rompe com a

triangulação inicial entre o pai, a mãe e Rosa, alterando a dinâmica familiar. Nesse novo cenário, Rosa precisa enfrentar a complexa dor da rivalidade afetiva e da redefinição de seu papel na família, dado que o triângulo emocional anterior foi perturbado.

A teoria da matriz de identidade, desenvolvida por Fonseca (1980), é inspirada nos conceitos de Moreno, mas com uma ampliação significativa para entender o processo de formação da identidade. 1. Momento de fusão (vivência cósmica); 2. Momento do espelho (reconhecimento do eu); 3. Momento eu-tu (função materna); 4. Momento eu-tu-ele (função paterna); 5. Momento eu-meus iguais (função fraterna); 6. Momento eu-nós (circularização) (RAMALHO, 2011).

Portanto, o processo de triangulação familiar de Rosa é marcado pela complexidade do reconhecimento do Eu, do Tu e do "Ele", o pai. A inserção da irmã, reconhecimento do Eu, e dos "Meus Iguais", ainda muito jovem, e a ausência paterna configuram um novo jogo de papéis, que desafia a identidade de Rosa e altera suas relações afetivas e sociais. A presença do pai, embora fisicamente distante, é essencial na construção da matriz de identidade de Rosa, pois ela aprende a lidar com a tensão entre o reconhecimento da mãe como cuidadora, da irmã como parceira de vínculo afetivo, e do pai como uma figura simbólica que, embora ausente, tem um papel importante no seu desenvolvimento emocional e social. A triangulação familiar que Rosa experimenta reflete a complexidade dos avanços da matriz de identidade e o impacto que uma configuração familiar pode ter no processo de formação da identidade.

No conto a irmã de Rosa é representada pela figura materna que se torna protetora e, em momentos de ameaça, manifesta um poder simbólico, representado pela transformação da irmã em uma "onça-pintada". Essa transformação pode ser compreendida como uma metáfora psicodramática para a proteção e a força herdadas da mãe, o que cria uma dualidade emocional em Rosa: o amor incondicional por sua irmã e a rivalidade afetiva resultante da competição por afeto materno. Nesse processo, a irmã de Rosa representa uma figura que, ao mesmo tempo, estabelece uma conexão profunda com a mãe e cria uma sensação de ameaça e exclusão para Rosa.

O encontro de Rosa com a onça e seu filhote simboliza um ponto de inflexão na narrativa emocional da personagem. A onça e seu filhote, como símbolos da maternidade e da natureza primal, representam uma possibilidade de transformação e de reconciliação para Rosa. Ao segurar o filhote de onça, Rosa experimenta uma conexão intensa e simbólica, que transcende os conflitos familiares. Esse momento de transformação, no qual Rosa se vê emocionalmente renovada, reflete a construção de um novo vínculo, mais autêntico e

significativo, que rompe com a rivalidade e as limitações impostas pela dinâmica familiar anterior.

Esse processo de transformação, mediado por um vínculo profundo e transformador com o filhote, simboliza um novo ciclo emocional para Rosa, permitindo-lhe integrar a dor do passado e a possibilidade de um novo começo. A reconciliação entre o amor por sua irmã e a aceitação do papel de cuidadora e protetora representada pela onça e seu filhote é uma metáfora psicodramática de renovação emocional, evidenciando a capacidade de Rosa de redefinir sua identidade e seus vínculos familiares.

5.5 Processo de Luto e a Terapia Psicodramática

A família de Rosa guarda uma ferida profunda, um lamento que, vez ou outra, ressurge e ainda dói. Rosa viu os olhos de sua mãe perderem o brilho lentamente, como se uma sombra fosse se instalando onde antes havia luz. Esse processo fez com que as “pétalas” de seu ser, que antes refletiam a calma e a verdade, mudassem de cor, pois o coração de Rosa passou a sangrar e derramar suas dores, tingindo cada pétala com tons de vermelho. Para ela, era sempre doloroso perceber nas cicatrizes do pai e da irmã as mesmas marcas do sofrimento. Por isso, ela decidiu, com coragem, buscar na vida uma forma de cura.

Nesse contexto, começa a se delinear um tema protagonista: o luto, que reflete a busca por cura e a necessidade de resolver feridas emocionais profundas. No caso de Rosa, essa dor está intrinsecamente ligada à perda da conexão emocional com a mãe e à desconstrução do modelo familiar que antes a tinha como matriarca e figura central.

O luto é uma ocorrência natural à ausência de algo ou alguém importante, mas, em alguns casos, pode se tornar um processo de imobilização, exigindo apoio psicológico para restaurar a espontaneidade e a criatividade. Nesse processo, é fundamental analisar a natureza da perda, relembrar os sentimentos vívidos e, eventualmente, buscar maneiras de seguir em frente. A psicoterapia psicodramática pode desempenhar um papel importante ao ajudar a ressignificar a morte e permitir que o sujeito se abra para o novo e o inesperado (FERREIRA STRAUCH, 2016).

No psicodrama, o luto pode ser compreendido como um processo de integração emocional e reconfiguração da identidade após uma perda significativa (Moreno, 1971/1992). Esse processo envolve não apenas a elaboração da ausência, mas também a reconstrução do sentido de existência diante da ruptura vivida. A reflexão sobre a finitude desperta questionamentos profundos: seríamos apenas uma substância passageira ou o centro da criação? Diante do medo do vazio deixado pela perda, surge a inquietação sobre a

possibilidade de ressignificá-lo, reavivando, de maneira criativa, o divino que habita em cada um de nós. Essa reflexão remete à importância de cultivar a flexibilidade no indivíduo, permitindo-lhe enfrentar as experiências cotidianas, que envolvem tantas luzes, prazeres e frustrações. Assim, ele desenvolveria um estado espontâneo e preparado para lidar com os conflitos, estando mais livre das limitações impostas pelas normas culturais.

A criação do conto surge como um reflexo simbólico da jornada da autora na elaboração do luto, na ressignificação de suas relações familiares e na compreensão do impacto de sua dor em suas conexões com os outros. Nesse sentido, o conto se torna um instrumento terapêutico, permitindo a expressão do luto, a reconstrução da identidade e a promoção da cura emocional. Além disso, a narrativa simboliza o processo vivenciado pela autora no psicodrama, refletindo, de forma metafórica, sua experiência dentro do grupo terapêutico de formação.

5.6 Cristalização de Identidade e os Limites da Espontaneidade na Dinâmica Familiar

Rosa atravessa o mata-burro com a segurança de quem conhece cada buraco, cada vão, cada atalho. Seus passos são firmes e decididos, saltando com precisão pelos vãos da madeira, como se o terreno, com todas as suas imperfeições, fossem uma extensão de sua própria vontade. Não há hesitação; ela supera os obstáculos com a facilidade de quem percorre trilhas familiares, onde cada salto é calculado, cada movimento, um reflexo da prática diária. O campo não exige esforço, mas presença — um espaço que, embora desafiador, é constantemente dominado pela determinação de Rosa. Cada passo é imerso na sabedoria de quem aprendeu a conviver com a natureza e seus caminhos, tornando a jornada um processo intuitivo, forte e sem surpresas. Cresceu entre os campos, cercada pela vastidão da natureza, pelo silêncio acolhedor, pelo compasso sereno dos animais e o frescor da brisa que nunca apressava nada. Porém, naquele momento, sentia uma necessidade urgente de agitação, de barulho, de se perder na confusão da cidade. Sabia que as respostas que buscava só poderiam ser encontradas entre as vozes e olhares dos outros.

Com frequência, Rosa se sentia sufocada, como se o mundo ao seu redor fosse pequeno demais para conter seus pensamentos e sentimentos. A vastidão do campo, que um dia lhe ofereceu liberdade, agora parecia apertada demais para sua alma inquieta. Ela sentia a necessidade urgente de romper os limites do espaço e do tempo, de encontrar algo mais, algo que fosse além das fronteiras do conhecido. A vida no campo, com sua tranquilidade forçada, já não preenchia o vazio crescente dentro de si.

Além disso, ela se via constantemente questionando tudo ao seu redor, principalmente em um cenário político que tolhia a liberdade e minava a espontaneidade humana. Em um país onde a sombra do fascismo crescia, ela sentia uma tristeza profunda ao perceber que muitos dos que apoiavam essa cruel realidade estavam presentes em sua vida. Apoiar aquele governo era como negar a própria essência de sua existência.

Movida por essa busca por respostas e pela necessidade de se reencontrar, Rosa deixou a fazenda e se aventurou pela cidade. O ritmo frenético da urbanidade parecia pulsar em seu peito, e ela, com o coração cheio de incertezas e a mente agitada, olhava atentamente para tudo o que o concreto tinha a oferecer. Seus passos, como sua mente, estavam sempre à frente, procurando algo que pudesse preencher o vazio. Ela esticava o pescoço, como sempre fizera, tentando desvencilhar-se daquilo que a impedia de ver além. Era uma atitude constante, um reflexo da inquietação que a definia.

E então, entre a confusão da cidade, seus olhos se fixaram em um cartaz. Intrigada, se aproximou. O cartaz parecia oferecer a promessa de algo novo, de algo que poderia, talvez, finalmente despertar sua alma:

“Uma viagem dos sonhos!

Não perca essa experiência!

Aqui você irá viver aventuras!

Você poderá desvendar mistérios!”

Na parte inferior do cartaz, havia bilhetes soltos que poderiam ser destacados por quem se interessasse pelo anúncio. Rosa sem muito pensar, arranca um dos bilhetes e liga imediatamente para o contato impresso no papel. O telefone começou a chamar. Rosa, ansiosa, segurava o fone do orelhão com uma das mãos, enquanto a outra deslizava impaciente pela borda enferrujada do aparelho. Seus pés inquietos não paravam, alternando entre passos curtos e longos dentro do pequeno espaço que o fio espiralado permitia. Caminhava até o limite, sentindo o puxão sutil do cabo antes de retornar, como um animal em gaiola, sem conseguir conter a urgência que queimava dentro dela.

Neste trecho do conto, observa-se o comportamento cristalizado da protagonista, cuja identidade foi moldada por uma estrutura familiar rígida, onde suas ações e escolhas estavam predeterminadas, sem espaço para a espontaneidade ou novas vivências. No psicodrama, o conceito de cristalização descreve como as experiências familiares e os papéis impostos ao longo do tempo criam padrões que restringem a liberdade de expressão e a criatividade do indivíduo (MORENO, 1994).

No caso de Rosa, os campos e a vida familiar representaram um ambiente seguro, porém restritivo. Ela estava tão acostumada com esse espaço que seus movimentos, embora decididos, eram reflexos de uma adaptação ao meio e às expectativas que lhe foram impostas. Esse processo de cristalização de sua identidade moldada pela família a impediu de explorar outras formas de ser e agir. Quando ela sente a necessidade de agitação e de mudança, sua busca pela cidade simboliza o desejo de romper com os limites do conhecido e se reconectar com uma forma de espontaneidade que havia sido reprimida.

Essa transição de Rosa, portanto, pode ser vista como um movimento de busca pela ressignificação de seus papéis e pela reconquista de sua espontaneidade. Ao sair do campo, ela procura um novo espaço onde possa se desvencilhar dos papéis cristalizados, buscando alternativas e novos caminhos. O psicodrama, ao permitir a dramatização de papéis e a exploração de diferentes aspectos do self, oferece uma ferramenta importante para Rosa resgatar sua espontaneidade. Através dessa jornada, ela tem a oportunidade de desafiar as estruturas que a limitam e reconfigurar sua identidade de maneira mais flexível e criativa.

5.7 Resistências Iniciais e O Processo de Transformação: A Viagem Interior de Rosa e a Emergência de Conexões e Identificações Grupais no Psicodrama

Não era a demora no atendimento que a incomodava, mas a sensação de que cada segundo era tempo demais ou de menos para viver a vida. por mais breve que fosse, a afastava do que ansiava. O mundo ao redor parecia distante, abafado pelo som dos carros e das conversas soltas nas esquinas. E então, a voz veio do outro lado da linha, distraída e despreocupada:

"Alô..."

Rosa escutou as vozes, familiares e descontraídas, de duas mulheres conversando como se o mundo lá fora não existisse, como se ela não fosse nada mais que uma sombra a espiar seu momento de intimidade. Sem paciência para esperar, ela interrompeu a conversa, tentando firmar sua presença naquele espaço e interrompeu a conversa do outro lado da linha: _ "Estou ligando sobre a viagem..." Tentava, também, situar-se, tentando decifrar quem eram aquelas vozes, que pareciam tão distantes e, ao mesmo tempo, familiares.

Foi apenas depois de um breve murmúrio entre as mulheres que uma delas se dirigiu a ela: "Rosa, você ligou muito cedo! "Não, não é cedo, talvez muito tarde... ou talvez nem cedo, nem tarde... foi no momento exato!"

O som da linha cortando a conversa ecoou pelo telefone: "Tu...Tu...Tu...". Ela só teve tempo de ouvir: "Corra até a estação de trem, eles estão te esperando." E, antes que pudesse

responder, o telefone desligou, como se o destino tivesse dado o último empurrão, fazendo Rosa se lançar ao que viria a seguir.

Rosa morde os lábios, franze a testa, e seus pensamentos tropeçam um no outro. De onde vinham aquelas vozes tão familiares? Como aquela mulher sabia seu nome, se Rosa sequer o mencionara? Quem a aguardava na estação de trem? E como embarcar em uma viagem cujo destino era um mistério?

Um arrepio percorre sua pele. Algo dentro dela pulsa com a certeza de que esperou por esse momento a vida inteira. Como quem sente a porta da gaiola entreabrir-se, Rosa não hesita. Seu corpo já sabe o que fazer antes mesmo que sua mente decida.

Então, corre. Corre como sempre correu—não apenas por necessidade, mas porque correr fazia parte de quem ela era. Corria mesmo quando o tempo não exigia pressa, quando o caminho era curto, quando ninguém a esperava. E, dessa vez, corre como quem segue um chamado. Em poucos instantes, chega à estação, o coração disparado não pelo esforço, mas pela promessa do desconhecido.

Ela já viajara de trem antes, visitando cidades próximas, sempre fascinada pela atmosfera das estações. Seu pai lhe ensinara a enxergar além do embarque e desembarque—para ele, aquele era um lugar onde destinos se cruzavam, onde cada chegada carregava histórias e cada partida abria novos caminhos. Essa visão ficou impregnada em Rosa, e talvez por isso ela amasse tanto estar ali, sentindo a vida pulsar entre malas, despedidas e reencontros.

O alvoroço dos vendedores preenchia o ar, suas vozes se entrelaçando com o movimento da estação: "Café quentinho! Pão de queijo!" O chamado ritmado fazia parte da melodia daquele lugar, um canto familiar que anunciava tanto as partidas quanto as chegadas.

Entre vozes e passos apressados, uma canção pairava no ar através do rádio. Rosa murmura mentalmente um verso: "É a vida desse meu lugar..."—mas não se demora no pensamento. Seus sentidos são tomados pelo som agudo do apito da locomotiva, que surge ao longe, arrastando os vagões com uma imponência que parece anunciar algo grandioso.

Rosa sente o coração acelerar ao perceber que ainda não comprou o bilhete. Para onde deveria ir? Seus olhos percorrem a estação até encontrarem uma cabine vazia—uma que nunca havia notado antes. Acima dela, uma placa exibia a imagem de um senhor de braços abertos, como quem convida para um abraço ou um reencontro. Só podia ser ali!

Guiada por seus instintos, sempre aguçados pela observação, Rosa se apressa para comprar a passagem. Assim que a recebe, percebe algo peculiar: o vagão indicado é diferente de todos os outros, tingido de laranja, amarelo e azul, vibrante como um entardecer.

Ela embarca, os olhos dançando rapidamente pelos assentos quase todos ocupados. Não reconhece ninguém, mas percebe os olhares curiosos que se voltam para ela. Com a passagem em mãos, localiza seu assento e se aproxima. Ao lado da janela, uma jovem de expressão séria a observa. Seu cabelo black é adornado por um laço vermelho, e sua pele, de um tom aveludado, reluz sob a luz do vagão. Rosa pede licença; a garota apenas inclina a cabeça em concordância, permitindo que ela se sente.

Ainda ofegante, Rosa enxuga o suor do rosto enquanto sente o trem ganhar movimento. O som dos trilhos, o balanço compassado dos vagões e o apito rasgando o ar formam uma melodia familiar, quase acolhedora. Pela janela, a paisagem desliza—vegetação densa, pontes antigas, plataformas esquecidas no tempo—e, com ela, memórias das viagens de infância voltam como uma brisa quente.

Viajar sempre foi mais do que um deslocamento para Rosa. Era a maneira de lembrar que o mundo se estendia muito além dos labirintos de sua própria mente.

Depois de recuperar o fôlego e se acomodar no banco, Rosa começa a observar as pessoas ao seu redor. Seus olhos logo recaem sobre a garota de laço vermelho ao seu lado. Ela faz pequenas expressões, franzindo a testa, arqueando as sobrancelhas, movimentando os lábios em palavras silenciosas—como se estivesse organizando pensamentos dentro de uma vasta biblioteca interna, onde emoções e memórias precisam ser cuidadosamente arquivadas.

Entre suas mãos, algo parece protegido, quase escondido. Rosa sente que ali, envolto em silêncio e mistério, está o coração daquela garota—guardado com zelo, como se o mundo lá fora não tivesse permissão para tocá-lo.

Rosa hesita, sem saber como iniciar a conversa. O silêncio entre as duas se alonga, denso, como se mãos invisíveis segurassem seus lábios, impedindo qualquer palavra de escapar. Mas não era apenas entre elas—todo o vagão parecia envolto em uma quietude estranha. Os outros passageiros estavam excessivamente contidos, quase rígidos, e Rosa não poderia dizer se era respeito, receio ou algo mais profundo que pairava no ar.

De repente, uma mulher de vestido esvoaçante atravessa os corredores, interrompendo o silêncio de maneira poderosa, como se tivesse um megafone preso na garganta. Sua voz ressoava com tanta intensidade que parecia formar ondas sonoras visíveis, reverberando por todo o vagão e tocando profundamente as almas de quem a ouvia. Rosa

reconhece a voz imediatamente — a mesma carinhosa e acolhedora que havia ouvido ao telefone. A mulher sorri e se apresenta com uma energia magnética:

"Sejam bem-vindos! Eu sou a Diretora Elsana, e vocês estão embarcando no meu sonho! Nele, experimentaremos o impossível!"

Ela faz uma breve pausa antes de apresentar duas pessoas. À direita de Elsana está Angel, segurando uma xícara de café e com um sorriso radiante no rosto. Seus olhos brilham com uma intensidade quase sobrenatural, observando cada um de nós como se fosse capaz de ver além da superfície, como se pudesse sentir nossas emoções mais profundas.

À esquerda de Elsana, João caminha pelos corredores com uma leveza que parece desafiar a gravidade. À medida que ele passa, uma brisa fresca de mar envolve o vagão, balançando suavemente os cabelos de todos nós. Ele distribui balas coloridas e doces, e quando uma delas é colocada na boca, surge uma sensação inusitada — cócegas internas que provocam risadas espontâneas, tornando o ambiente ainda mais encantador.

O maquinista anuncia a aproximação da primeira parada com o estridente apito do trem, sinalizando que é tempo suficiente para um rápido lanche e, quem sabe, um café. A viagem promete ser longa e cheia de surpresas. Todos desembarcam, e, ao se espalharem pelo ambiente mais amplo da estação, Rosa percebe que os passageiros começam a se aproximar, trocando palavras, ainda com timidez, buscando uma conexão, como se estivessem tentando se reconhecer uns nos outros. Ela observa que muitos carregam bagagens de mão, mas não são malas comuns — parecem mais objetos curiosos, cheios de mistério.

De repente, Rosa sente um tremor sutil sob seus pés. Assustada, ela vê uma pequena garota de cabelos cacheados passando por ela, carregando um cajado gigantesco em uma das mãos. O impacto do cajado tocando o chão é o que provoca os tremores, fazendo com que o ambiente ao redor pareça vibrar levemente, como se o próprio espaço estivesse se ajustando. Na outra mão, a garota segura uma gaiola, e Rosa, curiosa, estreita os olhos para tentar discernir o que há dentro. Para sua surpresa, não é um animal comum, mas uma sapatilha de bailarina com pequenas asas, que se movem suavemente para cima e para baixo, como se estivesse flutuando.

A pequena garota caminha com graça entre os passageiros, fazendo questão de não tocá-los, como se fosse uma presença delicada e intocável, como se soubesse que sua jornada, assim como a de todos ao seu redor, era única e protegida por algum tipo de segredo místico.

Um garoto esbarra em Rosa, distraído, olhando os pássaros que voam ao longe. Ele usava um moletom estampado com um dinossauro, e em volta do pescoço, pendia o que

parecia uma máquina fotográfica — mas não qualquer máquina. O equipamento era transparente, e dentro dele, Rosa podia ver as engrenagens se movendo, como se fosse uma obra artesanal, uma invenção única. Ela teve a sensação de que aquele objeto fora criado por ele mesmo, um reflexo da sua própria criatividade, talvez um mistério de sua imaginação.

De repente, um cubo cai da mão do garoto, e ele se apressa para pegá-lo. Ao apertar acidentalmente o que pareciam ser botões no objeto, uma fumaça colorida começa a sair, se espalhando no ar. A fumaça não era comum, ela parecia ter vida própria, despertando uma mistura de sensações e emoções, cada cor que se formava alterando a atmosfera ao redor. As emoções de Rosa se embaralham conforme o garoto, sem intenção, cria novas combinações com os botões, como se ele tivesse o poder de manipular o próprio espaço com um simples toque.

Um pouco da fumaça colorida foi inalada por Rosa, e, ao fazê-lo, ela vê o céu se transmutar em uma paleta de cores vibrantes, dançando e se misturando como se o próprio universo tivesse se tornado uma obra de arte em movimento. Mas logo, ela se liberta desse estado inebriante, seus sentidos voltam ao normal, e então seus olhos encontram os de uma garota loira, com um lenço colorido elegantemente amarrado ao redor do pescoço e coturnos de couro nos pés.

O olhar da garota estava marcado por lágrimas, mas não eram lágrimas comuns. Elas escorriam suavemente de seus olhos, como minúsculas partículas de glitter, cintilando à luz. As lágrimas seguiam seu caminho sem cessar, e o lenço colorido que a garota usava logo estava coberto por esse brilho cintilante. A cada movimento do vento, algumas dessas partículas se soltavam e dançavam no ar, caindo sobre as pessoas ao redor. Quando tocavam a pele de alguém, algo parecia despertar, um impulso repentino de liberdade. Era como se o brilho causasse uma leve revolta interna, fazendo com que os passageiros que estavam aguardando para embarcar na estação se perdessem em uma dança espontânea, como se estivessem em um flash mob, fluindo ao ritmo de uma melodia invisível.

À distância de toda a confusão, uma garota pequena, com uma boina sobre seus cabelos loiros, se destaca. Ela abre com cuidado um tripé de pintura e começa a esboçar a imagem de um homem adormecido no chão da estação. Porém, seu desenho não é uma representação literal, mas uma expressão profunda de suas emoções e sentimentos, captados através de sua sensibilidade única. A tela ganha vida com a intensidade de suas impressões.

Na cintura da garota, uma espada fina e afiada chama a atenção. A lâmina, delicada mas carregada de força, tem uma inscrição entalhada no aço: “amore-niano”, seguida da frase: “Encantar a vida como estratégia política.” Quando ela finaliza o desenho, com um

movimento rápido e decidido, ela saca a espada da bainha e, com uma energia inesperada, destrói vigorosamente tudo o que pintou.

O mais surpreendente, contudo, é que, ao destruir sua própria obra, ela transforma as emoções do homem retratado. A expressão de desamparo que antes o marcava desaparece, dando lugar a um sorriso sincero, e seus olhos se abrem com a luz da esperança. Ele se ergue, renovado, como se a arte daquela garota tivesse, de alguma maneira, alterado o curso de sua própria jornada.

Rosa começa a ouvir uma melodia suave, e logo percebe que o som vem de uma mulher que caminha pela plataforma, carregando sobre os ombros vários instrumentos musicais desconhecidos. O mais curioso é que, a cada passo que ela dá, os instrumentos se chocam entre si, liberando notas musicais que, combinadas, formam uma canção. A música flui de forma natural e encantadora, como se o som fosse parte de sua própria essência.

A mulher avança com passos ritmados, e conforme se aproxima de um grupo de pessoas que desce as escadarias da capelinha próxima à estação, uma troca de olhares e sorrisos ocorre. Todos a cumprimentam com carinho, e alguns até agradecem, como se ela fosse uma figura conhecida e admirada. Sua presença parece ter um poder transformador, algo mágico e profundo, que toca as almas daqueles que a rodeiam. A canção dela, mais do que uma melodia, carrega uma energia capaz de mover corações e mudar o curso dos momentos.

Rosa logo percebe que não é a única a observar o que acontece ao seu redor. Seus olhos se encontram com os de uma garota de cabelos longos e ruivos, ondulados, que segue atenta a tudo. Nos pés dessa jovem, há um dispositivo intrigante, capaz de impulsioná-la a superar qualquer obstáculo, até mesmo muros.

A garota, com sua vigilância aguçada, percebe uma senhora que luta para subir os degraus da capelinha. Sem hesitar, ela se aproxima, envolve a senhora pela cintura e, com um único impulso, as duas alcançam o topo da escadaria. A senhora, ainda surpresa, a abraça com gratidão e carinho, exclamando, emocionada: "Tenho muito orgulho de você, minha filha, eu te amo!"

A jovem sorri, os olhos brilhando de emoção e lágrimas, e antes de partir para um novo salto, ela se aproxima mais uma vez de Rosa e dos outros passageiros. A conexão silenciosa e profunda entre elas é compartilhada antes que todos se preparem para o embarque, como se esse momento, repleto de gestos e sentimentos, fosse uma espécie de despedida temporária de uma energia maternal.

Rosa observa a multidão tentando embarcar novamente no trem e, à sua frente, nota uma garota alta de sorriso largo, segurando alguns livros sob os braços. Curiosa, ela consegue ver através das lentes dos óculos da jovem e percebe algo incomum: todas as formas, pessoas e objetos que passam por essa lente são contornados por palavras que revelam uma verdade profunda.

*De maneira espontânea, Rosa comenta: “Adorei seus óculos, mas deve ser difícil enxergar tantas coisas.” A garota se vira, sorrindo, acena positivamente com a cabeça e segue em direção ao vagão. Quando a jovem se vira, Rosa consegue ler parcialmente o título de um dos livros que ela carrega: *As Aventuras de um ser tentante...**

Intrigada pelo conteúdo do livro, Rosa se sente um pouco desconfortável. Uma sensação de insegurança começa a surgir, como se ela, talvez, não tivesse se preparado o suficiente para a jornada que se desenrolava diante dela.

Ao lado de Rosa, agora, está uma garota pequena, de cabelos curtos e enroladinhos, cujas tatuagens, parcialmente visíveis sob suas roupas, capturam a atenção de Rosa. Ela tenta observar de soslaio, curiosa com os desenhos que adornam a pele da jovem. Entre todos, um se destaca, situado entre o pescoço e o peito da garota. O desenho parece pulsar, como se pequenas ondas o percorressem, dando a impressão de que, ao tocá-lo, seria possível mergulhar nas profundezas de um mar — um mar que remete ao coração e à alma. Ao fundo, vislumbra-se uma concha aberta, com uma pérola guardada em seu interior.

Nesse momento, uma garota apressada passa por Rosa, com fones de ouvido tão grandes que o som da música, alto e vibrante, transborda. Rosa a ouve claramente, reconhecendo a melodia instantaneamente. Era uma canção que fizera parte de sua infância.

Se eu quiser chorar

Não ter que fingir

Sei que posso errar

E é humano se ferir

Parece absurdo, mas tente aceitar

Que os heróis também podem sangrar

Rosa observa, estupefata, a mochila nas costas da garota, entreaberta, revelando o que parecem ser asas. Ela fica boquiaberta, a dúvida pairando no ar: “Será que essa garota pode voar?”

Logo após essa parada, o apito do trem ressoa e todos começam a embarcar novamente, embora alguns passageiros tenham permanecido na estação, perdendo a viagem.

Desta vez, o silêncio é quebrado por algumas risadas, o ambiente agora mais descontraído, ainda que um pouco caótico.

O início de um grupo psicodramático, como no caso de Rosa, é marcado por uma resistência grupal que dificulta a interação interativa entre os participantes. Segundo Moreno (1994), essa fase inicial é caracterizada por uma resistência natural, onde os membros hesitam em se abrir e se engajar nas propostas dinâmicas, mantendo uma postura defensiva. Esse processo de adaptação é descrito como uma fase de relações superficiais e bloqueios emocionais, conforme apontado por Yalom (2006), que vê as resistências como mecanismos de defesa coletiva. Tais resistências surgem em formas sutis, como dificuldades de comunicação, e refletem o medo de se expor, sendo expressas tanto no nível individual quanto coletivo.

Essas resistências também se manifestam na dificuldade de consideração dos outros como parte integrante do grupo. O grupo psicodramático, portanto, funciona como uma representação das relações sociais, onde as propostas e as resistências surgem naturalmente. Tais resistências atuam como mecanismos de autoproteção, pois o processo de abertura emocional exige confiança, algo que nem todos estão dispostos a oferecer no início. A sociometria, proposta por Moreno (1994), ajuda a entender as interações grupais, destacando como as atitudes emocionais e as relações de atração e evita a influência na dinâmica do grupo, impactando tanto as interações imediatas quanto os desenvolvimentos futuros.

Um trecho específico do conto exemplifica de maneira muito clara as resistências grupais:

"Rosa hesita, sem saber como iniciar uma conversa. O silêncio entre as duas se alonga, denso, como se mãos invisíveis segurassem seus lábios, impedindo qualquer palavra de escapar. Mas não era apenas entre elas — todo o vagão parecia envolto em uma quietude estranha. Os outros passageiros estavam contidos, quase rígidos, e Rosa não poderia dizer se era respeito, receio ou algo mais profundo que pairava no ar."

Esse trecho ilustra a dificuldade inicial de interação dentro de um grupo psicodramático, onde os participantes, por diferentes razões, demonstram resistência em se expressar. O silêncio denso e a contenção dos passageiros simbolizam o recebimento da exposição emocional e da entrega ao processo grupal, um espetáculo comum nas fases iniciais da dinâmica psicodramática.

Fonsêca Filho (1980) descreve o desenvolvimento dos grupos terapêuticos como um processo dinâmico que atravessa diferentes fases. Inicialmente, na fase de indiferenciação, os

participantes ainda não se conhecem, o que gera ansiedade e insegurança quanto à experiência grupal. Esse momento pode ser marcado por aspectos simbióticos, especialmente em grupos pré-formados, resultando em um estado inicial de caos. Conforme o grupo evolui, ocorre o reconhecimento grupal, quando os membros começam a perceber uns aos outros e a estabelecer vínculos sociométricos, como atrações, rejeições e indiferenças. Nesse estágio, surgem também relações transferenciais e interações exclusivas entre o terapeuta e alguns participantes, podendo gerar ciúmes dentro do grupo.

Com o aprofundamento das relações, inicia-se a fase de triangulação, caracterizada pelo surgimento de alianças, competições e identificações entre os membros, muitas vezes envolvendo o terapeuta. Essas interações podem intensificar conflitos e sentimentos de posse dentro do grupo. Quando a dinâmica se torna mais madura, acontece a circularização e a inversão de papéis, momento em que o grupo desenvolve um senso de identidade coletiva. A dissolução dos triângulos permite uma maior integração entre os participantes, tornando as dramatizações mais profundas e significativas para todos (FONSÊCA FILHO, 1980).

O uso de metáforas como a do trem, no caso de Rosa, pode ser analisado à luz dos estudos de simbolismo no psicodrama, conforme discutido por Moreno (1994) e pela psicologia analítica de Jung (2001). O trem, neste contexto, pode ser visto como um símbolo da jornada interior, onde os participantes do grupo enfrentam os desafios da descoberta de si mesmos e da relação com os outros. A viagem é simultaneamente uma experiência de afastamento e de aproximação, assim como o processo psicodramático, que exige dos participantes tanto um distanciamento de suas realidades cotidianas quanto uma aproximação de suas experiências emocionais mais profundas.

Além disso, as figuras que emergem no contexto psicodramático, como Angel, João e Elsana, representam a unidade funcional. A figura de Elsana, que simboliza a diretora do grupo, personifica a autoridade e a orientação necessárias para proporcionar um ambiente seguro, onde os membros podem explorar suas emoções e interações. O nome Elsana é a fusão de Elsa e Ana, personagens do filme *Frozen*², simbolizando a integração entre razão e emoção, controle e espontaneidade. Essa união representa a busca por um equilíbrio entre o sentir-pensar, integrando afetividade e racionalidade como uma resposta tanto espiritual quanto política. Ao reunir esses aspectos, Elsana expressa a necessidade de harmonizar

² **Frozen – Uma Aventura Congelante** (2013) é um filme de animação musical produzido pela Walt Disney. A trama acompanha as irmãs **Elsa** e **Anna**, princesas do reino de Arendelle, e explora temas como amor fraternal, autodescoberta e aceitação. Elsa, que possui poderes mágicos de criar gelo e neve, luta para controlar suas habilidades enquanto Anna embarca em uma jornada para reconectar-se com a irmã e salvar o reino de um inverno eterno.

introspecção e expressão, medo e coragem, isolamento e conexão, revelando um caminho de transformação individual e coletiva. Sua presença é crucial para o progresso terapêutico, uma vez que ela facilita o processo de integração e modulação da dinâmica grupal.

Já as figuras de Angel e João atuam como egos-auxiliares, representando diferentes aspectos internos dos participantes. No trem dos viajantes, cada passageiro carrega consigo não apenas bagagens físicas, mas também a essência de suas trajetórias internas, transformadas em poderes singulares. São habilidades lapidadas pelas adversidades, moldadas pela coragem e pela sensibilidade. Angel, com seus olhos que capturam emoções ocultas, representa a intuição e a capacidade de enxergar além das palavras, um reflexo da escuta atenta desenvolvida no psicodrama. João, que caminha com a leveza do vento e distribui doces que provocam risos involuntários, simboliza a espontaneidade e o resgate da alegria genuína, aquela que muitas vezes se esconde nas dobras do cotidiano.

No conto, a garota de cabelo black e laço vermelho simboliza a introspecção e a proteção emocional, refletindo as complexas relações interétnicas em um contexto de racismo estrutural. Sua realidade, imersa em discriminação racial, se distingue da de Rosa, uma jovem branca, que, apesar de também enfrentar dificuldades, vive em um espaço de privilégio. A interação entre elas vai além das diferenças étnicas, revelando a disparidade de experiências entre uma pessoa racializada e uma branca. O laço vermelho simboliza a força e identidade da garota, enquanto o silêncio entre elas reflete as barreiras invisíveis do racismo estrutural. Ambas compartilham o desejo de transformação, sendo que, para a garota negra, o racismo é um peso constante, enquanto para Rosa o racismo é um desafio a ser reconhecido, confrontado e superado em sua trajetória de conscientização e ação.

Essa análise é fundamentada nas ideias de Frantz Fanon, que em *Pele Negra, Máscaras Brancas* (2008) discute como o racismo estrutural marginaliza e silencia as vozes negras. Fanon argumenta que a identidade negra é constantemente desvalorizada, e a experiência do sujeito negro é marcada pela luta contra o olhar branco, o que se reflete na dinâmica entre as personagens. O silêncio e a tensão no encontro entre elas simbolizam as barreiras impostas pelo sistema social desigual, refletindo a luta de Fanon por uma identidade negra que não seja submissa ao racismo.

No conto, a jovem negra é a única pessoa inserida em um grupo predominantemente branco, o que a coloca em uma posição de marginalização, ainda que de forma sutil. Esse cenário é uma representação clara do fenômeno descrito por Stuart Hall, que fala sobre a experiência de ser uma "minoridade visível" em um contexto social onde a branquitude predomina. Hall, em *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade* (1999), argumenta que, em

sociedades estruturadas pelo racismo, as pessoas negras são frequentemente vistas como "outras", sendo forçadas a negociar suas identidades dentro de um espaço social que as marginaliza. A presença da jovem negra no grupo branco, isolada em sua identidade racial, reflete o processo de racialização e a exclusão simbólica e social que as pessoas negras vivenciam. Este fenômeno não é apenas uma questão de segregação física, mas também um reflexo das dinâmicas de poder e identidade que moldam as relações interétnicas, onde as identidades negras são constantemente redefinidas e ressignificadas em contraste com a normatividade branca.

Dentro desse contexto, o psicodrama, conforme proposto por Jacob L. Moreno, pode ser uma ferramenta crucial para trabalhar as dinâmicas de poder, identidade e racismo. O psicodrama permite que as experiências subjetivas, frequentemente marcadas por barreiras sociais e raciais, sejam expressas e representadas de forma dramática, criando um espaço seguro e terapêutico para a ressignificação dessas vivências. Por meio de sua metodologia, as pessoas podem reviver e reorganizar suas experiências de exclusão e marginalização, promovendo um processo de autoconhecimento e reconexão com suas histórias e identidades. De acordo com Moreno (1987), o psicodrama não apenas proporciona uma catarse emocional, mas também facilita a transformação das relações interacionais, ajudando os indivíduos a refletirem sobre os papéis sociais e culturais que desempenham, assim como as construções identitárias que emergem dessas relações.

Autores psicodramatistas contemporâneos, como Zimmerman (2006), enfatizam que o psicodrama pode ser particularmente eficaz ao abordar questões de opressão e exclusão, ajudando os participantes a reconceptualizarem suas identidades à luz de sua experiência social e histórica. Zimmerman destaca que o psicodrama, ao focar na dramatização das experiências e vivências sociais, cria um espaço de empoderamento para grupos minoritários, permitindo-lhes ressignificar as narrativas que muitas vezes foram impostas a eles. Dessa forma, o psicodrama oferece um terreno fértil para que a jovem negra e os outros membros do grupo possam desconstruir as dinâmicas de exclusão, promovendo a integração e a compreensão de suas diferenças de forma inclusiva e respeitosa.

A pequena garota de cabelos cacheados, cujo cajado faz tremer o chão e cuja gaiola abriga sapatilhas aladas, carrega o dom da transformação: ela representa a dança entre a força e a delicadeza, a potência de quem já soube se conter e agora aprende a voar.

O menino de moletom, distraído com os pássaros e dono de uma câmera que capta a alma das coisas, personifica a criatividade, a capacidade de construir novas perspectivas sobre o que parece ordinário. Seu cubo misterioso, que exala fumaça colorida e altera a atmosfera

ao redor, simboliza o domínio sobre a própria narrativa, a ressignificação de memórias e emoções.

A garota loira de lenço colorido e coturnos, cujas lágrimas não são comuns, mas carregam a facilidade de fluir as emoções através de lágrimas, representa a vulnerabilidade transformada em força, a beleza das cicatrizes que contam o caminho percorrido.

A Garota com a Boina e o Tripé de Pintura simboliza a sensibilidade artística e a capacidade de transformar emoções através da arte, com seu desenho refletindo não a realidade literal, mas uma expressão profunda de seus sentimentos. A espada em sua cintura representa o poder de ação e a inscrição "amore-niano" sugere uma abordagem estratégica e transformadora da vida, de maneira política através do psicodrama de Moreno (A-more-niano). Ao destruir sua própria obra, ela não apenas cria, mas também ressignifica a realidade, representando o poder da arte em renovar e transformar. A transformação do homem retratado, que passa de um estado de desamparo para um sorriso cheio de esperança, simboliza como a arte e a ação humana podem alterar realidades emocionais e promover renascimento interno.

A mulher que caminha pela plataforma, carregando instrumentos musicais desconhecidos, simboliza a arte como um veículo de transformação e conexão. Os instrumentos que se chocam entre si, criando uma melodia natural e encantadora, representam a harmonia que surge da interação das diferenças, sugerindo que, mesmo em meio ao caos, a arte é capaz de criar beleza e unidade. Seus passos ritmados e a troca de olhares com o grupo de pessoas simbolizam a forma como a arte pode aproximar indivíduos e promover uma sensação de pertencimento e acolhimento. A presença dela, reverenciada por todos ao seu redor, destaca o poder simbólico da música e da arte em geral como forças transformadoras, capazes de tocar profundamente as emoções e modificar a percepção do momento, como se fosse uma energia espiritual que move as almas daqueles que a experienciam.

No conto, a jovem de cabelos longos e ruivos simboliza a superação diante das dificuldades e a busca por reconciliação emocional. Ela ajuda uma senhora a subir os degraus da capela com um gesto de solidariedade e força. Ao chegar ao topo, a senhora, emocionada, declara: "Tenho muito orgulho de você, minha filha, eu te amo!" Este momento carrega um simbolismo profundo de reencontro entre mãe e filha. O grande significado desse encontro é revelado para a jovem ruiva, que percebe que a mulher que ajudou é sua mãe, já falecida. A autora constrói, por meio da realidade suplementar no conto, a possibilidade desse reencontro, permitindo à personagem superar o luto e a perda, oferecendo uma reflexão sobre a continuidade dos laços afetivos.

A jovem de sorriso largo e óculos representa uma fusão de grande capacidade intelectual e uma sensibilidade aguçada para perceber as nuances emocionais ao seu redor. Seus óculos, que contornam tudo o que vê com palavras, simbolizam sua habilidade de racionalizar e analisar o mundo com profundidade, desvendando camadas ocultas nas situações e interações. Ao mesmo tempo, essa capacidade intelectual é acompanhada de uma sensibilidade que lhe permite captar as sutilezas emocionais e interpretá-las de maneira única. O título do livro, *As Aventuras de um Ser Tentante*, reflete a autocrítica exacerbada da jovem, mas também sua aceitação de que o "ser tentante" é um caminho legítimo e necessário para seu crescimento. Embora as dificuldades e inseguranças sejam reais, ela reconhece que a busca constante por evolução, através de tentativas e erros, é o processo de transformação que a leva ao devir. Dessa forma, a jovem compreende que, apesar dos obstáculos, ser "tentante" é, para ela, a verdadeira jornada, um caminho que, embora desafiador, é o único capaz de conduzi-la a um desenvolvimento genuíno.

A jovem de cabelos curtos e enroladinhos, com tatuagens visíveis, carrega um simbolismo profundo em sua pele. A tatuagem que parece pulsar entre seu pescoço e peito remete ao mar, representando o coração e a alma da jovem. A concha aberta, com a pérola guardada em seu interior, simboliza proteção e vulnerabilidade ao mesmo tempo. Fechada, a concha representa a defesa emocional, mas ao ser aberta, revela a pérola — as emoções valiosas que, apesar de protegidas, podem ser reveladas e compartilhadas. Essa imagem sugere um processo de autodescoberta e de abertura emocional, onde a jovem se permite, gradualmente, expressar suas emoções mais profundas.

O trecho simboliza a conexão de Rosa com a jovem, cuja música de sua infância evoca sentimentos de vulnerabilidade e aceitação. A mochila da garota, entreaberta e revelando asas, sugere que ela é uma heroína, capaz de superar obstáculos e de se transformar. A dúvida de Rosa sobre a garota poder voar é uma metáfora para o poder interior da jovem, que, assim como a letra da música, expressa a coragem de ser humana, errar e seguir em frente, mostrando-se capaz de "voar" através de suas próprias forças e caráter.

E por fim, no último trecho a ser analisado neste capítulo, a dinâmica do grupo muda, refletindo uma mudança nas interações sociais. As risadas e o ambiente descontraído indicam que as resistências entre os passageiros começam a ser quebradas. A transformação no clima, com o caos sendo acompanhado por momentos de leveza, sugere um processo de integração e acolhimento, onde as barreiras iniciais são superadas, permitindo maior liberdade e conexão entre os indivíduos.

5.8 Ressignificação do Luto e o Processo de Rematrização no Psicodrama: Desamparo, Rigidez Emocional e Reconciliação Interior

Rosa se senta em seu banco, mas ao olhar ao redor, percebe que ao seu lado há outra passageira. Ela verifica, quase automaticamente, o número da poltrona, buscando confirmar se está no lugar certo. Ao olhar, constata que o número corresponde exatamente ao de seu bilhete. O trem começa a se mover, inicialmente em um ritmo lento, até que, gradualmente, vai ganhando velocidade. Rosa observa a paisagem passando pela janela e, por um momento, sente que já esteve ali antes. No entanto, não consegue lembrar quando, nem identificar para onde estão indo. A sensação de déjà-vu a envolve, aumentando ainda mais seu sentimento de desorientação.

Rosa então se dá conta das mãos da mulher ao seu lado. Um arrepio percorre seu corpo, como se já tivesse visto aquelas mãos antes. Ela olha discretamente para o rosto da mulher, mas algo a impede de reconhecer de onde a conhece. Uma saudade profunda começa a crescer dentro dela, uma tristeza silenciosa que a envolve, até um frio cortante que a percorre, fazendo-a sentir-se estranha e desorientada.

À frente, avista um túnel. Quando o trem o adentra, tudo ao redor escurece. Rosa observa os pendentes no teto, que começam a brilhar com luzes coloridas, criando uma atmosfera quase teatral, como se o trem fosse agora um palco de um drama em curso. Mas enquanto o trem avança pelo túnel, dentro de seu peito algo também se estreita: um buraco profundo se abre, escuro e doloroso, repleto de raiva, sofrimento e desespero.

Ela fecha os olhos, e as lágrimas começam a escorrer silenciosamente por seu rosto. Ao fazer isso, sente suas mãos se apertando, os músculos tensos, como se estivesse se preparando para um combate. Seu corpo se torna rígido, seus sentimentos se petrificam. A cada segundo, sua mente e coração se tornam mais duros, impenetráveis, como uma rocha. Ela já não vê as luzes coloridas e, agora, as pessoas ao seu redor desaparecem. Ela está sozinha em um vazio de solidão.

E, então, um feixe de luz se aproxima, como uma estrela distante no escuro. Rosa vê, entre as sombras, uma mulher vestida de branco, com cabelos longos e escuros. Quando a mulher se aproxima, ela repara novamente nas mãos, e é impossível negar: são as mesmas mãos da mulher que estava ao seu lado. Um arrepio toma conta de seu corpo. As duas se olham nos olhos, como se compartilhando algo profundo, e então iniciam um diálogo silencioso, um chamado que vem do fundo da alma.

Rosa, com a voz embargada, diz, quase como um lamento:

_ Não consigo me lembrar, eu não consigo me lembrar... Quem é você? Por que você está aqui? Quem é você?

Lágrimas escorrem, sem pressa, pelo rosto de Rosa, como se cada uma carregasse um pedaço de dor que ela não sabia como expressar e continua o diálogo:

_ Me diz, por favor, quem é você? Eu sinto tanto, mas não me lembro...

_ Eu sinto muito, mas eu não me lembro...

_ Eu não me lembro...

A mulher, com uma força avassaladora, responde, sua voz ecoando como o rugir de uma tempestade:

_ Venha, chegue mais perto.

As duas se aproximam e suas mãos se encontram, entrelaçando-se com uma leveza doce e familiar. Seus olhos se encontram, e naquele momento, o mundo parece parar.

A mulher, com um amor profundo e repleto de complexidades, diz, com sua voz suave:

_ Você está sentindo? Eu te observo com os teus olhos, e você consegue me ver através dos meus.

E então, ela e sua mãe se abraçam, um encontro profundo, onde as almas se tocam e se reconhecem.

_ Eu não sabia que tinha me esquecido de você, mãe. Na verdade, eu me lembrava... mas não da forma como você deveria ser.

_ Estive com tanta saudade, senti tanto a sua falta. Ninguém pode se preparar para isso... Eu te perdi... Eu te perdi... e te perdi... Eu me perdi... me perdi de mim mesma.

_ Mãe, fui caminhando pela vida, tropeçando, perdendo minhas pétalas, uma a uma, até que chegou um momento em que só restaram espinhos. Eu me perdi de mim. Agora eu entendo o motivo dessa viagem, agora eu me lembro deste caminho que estamos trilhando juntas.

A mãe, com um sorriso sereno, responde:

_ Finalmente, você está voltando para casa, minha filha. Pouco a pouco, pétala por pétala, você vai se resgatando.

Pétala por pétala.

A narrativa apresentada, prova sob a ótica psicodramática, ilustra o processo terapêutico de ressignificação emocional e reestruturação psíquica por meio da dramatização. No contexto moreniano, a dramatização não se limita a uma simples representação de conflitos internos, mas é entendida como uma ferramenta para a emergência e transformação

das subjetividades, possibilitando a rematrização, que refere-se ao processo de reconfiguração de papéis e de situações emocionais durante a dramatização, com o objetivo de alterar significados e promover transformações psíquicas. Esse processo envolve uma revisão e reinterpretação de experiências passadas e presentes, permitindo ao indivíduo experimentar novos papéis e possibilidades, promovendo a cura e a integração de aspectos emocionais não resolvidos. (MORENO, 1994). Dentro desse espaço psicodramático, Rosa se vê diante da figura materna, na qual o espelhamento se manifesta de maneira intensa: a mãe é Rosa, e Rosa é a mãe. Tudo que ela representa em si e para si se reflete nesse espelho emocional. A dramatização permite que essa relação seja revisitada e modificada, instaurando um novo significado para a dor e para a busca materna.

A técnica do espelho permite a reconfiguração de papéis e a transformação emocional por meio da dramatização. Segundo a teoria moreniana, o espelho é fundamental para a formação do "eu" e a construção da identidade, sendo especialmente relevante no desenvolvimento infantil. Moreno acreditava que a capacidade de desempenhar diferentes papéis e ver refletido em outros é essencial para o processo de adaptação ao mundo, ajudando a criança a internalizar modelos de comportamento e interações sociais (MORENO, 2002).

Rosa carrega dentro de si um personagem interno materno que, por anos, foi fonte de desamparo e gerou uma necessidade de controle e rigidez emocional. Esse aspecto materno internalizado levava Rosa a um comportamento de constante autocrítica e exigência, no qual sua primeira resposta às dificuldades era o conflito com o outro e consigo mesma. O psicodrama possibilitou, por meio da dramatização, um encontro télico capaz de modificar essa estrutura emocional e abrir caminhos para a rematrização dessa relação interna e externa.

Um dos instrumentos fundamentais desse processo foram os "cachos de papéis", teoria psicodramática que possibilita a fragmentação de um conflito interno em diferentes vozes e perspectivas, permitindo que o protagonista reorganize sua narrativa interna (MORENO, 1977). Através desses cachos, Rosa pôde externalizar suas diversas camadas emocionais, reconhecendo, de um lado, o desamparo e a dureza com que aprendeu a se proteger e, de outro, a necessidade latente de acolhimento e afeto. Conforme esses papéis se transformavam, sua estrutura emocional rígida foi se flexibilizando, abrindo espaço para novos caminhos e possibilidades de relacionamento consigo mesma e com o mundo.

É importante destacar que o desamparo sentido por Rosa se manifestava em uma profunda sensação de solidão, levando-a a acreditar que uma única pessoa em quem poderia confiar era ela mesma. Essa sensação de isolamento era exacerbada pela percepção de que ninguém seria capaz de compreender suas dores ou de ajudá-la, uma insegurança que Rosa

carregava, muitas vezes sem conseguir nomeá-la ou entender sua origem. Ao reviver sua história e confrontar a figura materna no contexto psicodramático, Rosa não apenas foi capaz de ressignificar essa relação, mas também encontrou maneiras de transformar essa dor latente em aprendizado e nutrição emocional. Vale ressaltar também as ausências paternas, que reforçavam esse sentimento de desamparo, pois o pai de Rosa sempre priorizou o trabalho, deixando-a em segundo plano. Além disso, sua mãe demonstrava um sofrimento emocional, com grandes dificuldades em compreender suas próprias dores internas, o que tornava ainda mais difícil entender e acolher as angústias de Rosa. Essa relação materna, portanto, sempre se apresentou como um grande desafio para a autora.

A técnica de interpolação de resistência, fundamental dentro da abordagem psicodramática, foi crucial para possibilitar a construção de uma mãe afetiva e amorosa, capaz de oferecer colo, amparo e acolhimento. A interpolação de resistência, conforme descrita por Moreno (1994), é uma técnica que envolve a amplificação e dramatização de respostas emocionais intensas, utilizando a resistência do indivíduo não como um obstáculo, mas como um ponto de transformação e expressão. Nesse sentido, ao exagerar ou transformar as reações da personagem, a dramatização possibilitou que Rosa vivenciasse, de forma vívida e profunda, a experiência de um vínculo materno reparador, subvertendo as limitações de sua história e proporcionando uma reconfiguração de seu processo emocional. Assim, a técnica de interpolação de resistência não apenas revela as camadas de resistência interna do personagem, mas também as transforma, permitindo-lhe acessar novos significados e ampliar suas possibilidades de vivência emocional.

A metáfora das "pétalas" que Rosa perdeu ao longo da vida e que, aos poucos, começa a recuperar, simboliza sua jornada de reintegração emocional. Essas pétalas representam partes de si que haviam sido suprimidas pelo desamparo e pela autocrítica excessiva, mas que, através do psicodrama e posteriormente através da escrita do conto puderam ser resgatadas.

5.9 A Escrita como Ferramenta de Apropriação Identitária e Cura: O Processo Psicodramático de Reintegração Pessoal

A minha mãe com um sorriso sereno, responde:

— Finalmente, você está voltando para casa, minha filha. Pouco a pouco, pétala por pétala, você vai se resgatando.

Pétala por pétala. Então, eu abri os olhos, ainda abraçada com minha mãe, em um colo eterno e terno, como um ninho de amor. Aos poucos, fui percebendo que a forma com a qual me abraçava ia mudando. Quanto mais eu me afastava, mais eu me via, como se

estivesse diante de um espelho. E, nesse movimento de afastamento e reencontro, voltei a me abraçar profundamente. Como se em um gesto de pura não-matéria, fomos nos fundindo e integrando até nos tornarmos uma só.

Abri os olhos devagar, mas logo os fechei, incomodada pela luz intensa que agora tomava conta do ambiente. Quis resguardar alguns momentos, permitindo que meus olhos se acostumassem à claridade.

Foi então que uma lembrança aflorou: um sonho recorrente da minha infância. Sentada em um trono, estava a mesma mulher com vestes brancas e cabelos negros, cobertos, que hoje sei ser minha mãe. Ela sempre esteve lá, presente em minha vida, ainda que eu não soubesse completamente o seu significado.

“Era um sonho em que me encontrava com você. Não sei se estava sonhando o meu sonho ou se o sonho que eu sonhava era o seu. Um sonho dentro de um sonho, e até agora não sei se acordei desse sonho. O que eu quero, no entanto, é a imagem e o som desse momento, para entender o que aconteceu.”

Ao acordar, percebo que ao meu redor estão todos os meus amigos viajantes. Cada um com seus objetos poderosos, realizando o que sabem fazer de melhor. Como em uma mesa de cirurgia, eles examinaram, abriram, limparam, suturaram, medicaram e curaram todas as minhas feridas, com a ajuda de seus mágicos instrumentos de amor.

A análise do conto revela como os personagens e a trama refletem as dinâmicas grupais, os desafios emocionais e os aprendizados da formação. Elementos do Psicodrama, como a inversão de papéis e a realidade suplementar, aparecem na narrativa de forma simbólica, demonstrando como a escrita criativa pode ser um recurso relevante para a elaboração subjetiva da experiência.

O trecho apresentado reflete um processo profundo de apropriação de si mesma, onde a protagonista, por meio da escrita, começa a reconstruir sua identidade e a processar seus vividos. A transição da narrativa de terceira para primeira pessoa, que ocorre neste ponto do texto, é fundamental, pois marca o início de um movimento de ressignificação e de maior intimidade com a própria história. Esse movimento não é apenas literário, mas também psicológico, configurando uma prática de autoexploração que se torna crucial na jornada de autoconhecimento e cura.

A mudança para o discurso em primeira pessoa no conto implica uma maior proximidade entre a protagonista e suas emoções, permitindo que o leitor compartilhe da sua experiência interna e, de certa forma, viva o seu processo de ressignificação. A escrita, neste

contexto, funciona como uma ferramenta terapêutica, um meio pelo qual o sujeito se reconecta com as próprias vivências e emoções, podendo assim reinterpretá-las e reestruturá-las. Ao escrever, a personagem assume o protagonismo de sua narrativa, tornando-se ativa na construção de seu destino, ao invés de se ver como mera espectadora dos acontecimentos de sua vida.

Além disso, a escrita, como forma de expressão e elaboração, facilita o processamento do vivido, dando sentido a experiências que antes pareciam confusas ou inatingíveis. O processo de “abrir os olhos” e “encontrar-se com a mãe” se traduz aqui em um movimento simbólico de reconciliação interna, que passa pela integração de aspectos da psique que estavam dissociados ou reprimidos. O encontro com a mãe, no qual se dá o reconhecimento e a ressignificação das relações e afetos passados, propõe um reencontro consigo mesma, em um processo de cura emocional que envolve tanto a aceitação das feridas quanto a valorização dos aprendizados adquiridos ao longo da trajetória de vida (MORENO, 1994).

A metáfora do “trono” e a reflexão sobre os sonhos recorrentes da infância indicam a busca por uma identidade que já existia, mas que não estava plenamente acessível à protagonista. O sonho dentro de outro sonho sugere uma ambiguidade entre realidade e fantasia, revelando a complexidade dos processos psicológicos envolvidos na reintegração da subjetividade. A protagonista, ao perceber que esteve sempre conectada com sua mãe, apesar de não compreender completamente o significado dessa relação, começa a tomar consciência daquilo que estava em sua psique de forma fragmentada.

A presença dos amigos "viajantes", que atuam como agentes curadores, traz à tona a ideia de um processo psicoterapêutico coletivo, onde o apoio mútuo é essencial para a recuperação e transformação emocional. No Psicodrama, o grupo tem um papel fundamental, oferecendo ao protagonista a oportunidade de vivenciar diversas perspectivas e reforçar sua auto-imagem. Nesse contexto, a escrita também se torna uma extensão do processo psicodramático, em que a verbalização das experiências ajuda o indivíduo a reorganizar e compreender sua própria história (YALOM, 2006).

Portanto, o texto revela como a escrita, quando utilizada de forma espontânea e criativa, se torna uma ferramenta poderosa no processo de apropriação identitária. Ela permite que a protagonista não só reescreva sua história, mas também vivencie, com mais clareza, os elementos internos e externos que moldaram sua personalidade. Ao narrar sua experiência de forma reflexiva e emocionalmente intensa, ela integra aspectos dissociados de sua identidade, abraçando, finalmente, a pessoa que ela é e a história que tem para contar.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escrita deste estudo reflete um processo de transformação que transcende a construção teórica e se inscreve em um percurso de ruptura e resignificação. Ao transitar de uma perspectiva acadêmica hiper-racional e positivista para uma abordagem mais espontânea, criativa e subjetiva, centrada nas práticas psicodramáticas, evidencia-se um movimento de afastamento dos modelos acadêmicos tradicionais, predominantemente analíticos e sistemáticos, que frequentemente marginalizam práticas narrativas, coletivas e corporais.

No Psicodrama, a escrita criativa se apresenta não apenas como uma extensão das vivências do palco, mas como um espaço de co-construção de realidades suplementares, permitindo que experiências sejam rematrizadas e resignificadas. Esse processo rompe com as conservas culturais que, segundo Moreno, limitam a espontaneidade e inibem a criatividade, restringindo o desenvolvimento pleno do sujeito e suas relações grupais. Ao mesmo tempo, a escrita surge como um processo simultâneo terapêutico e epistêmico, proporcionando não apenas a supervisão da agência do sujeito em sua própria história, mas também a subversão das normas acadêmicas tradicionais que privilegiam o intelecto e a lógica em detrimento do corpo, do afeto e da experiência vívida.

O conto não foi apenas um exercício de rematrização e resignificação; foi a travessia por um luto que se impõe como tema protagonista. Durante a escrita, a dor se revelou não apenas como ausência, mas como um eco que eu precisava encontrar voz. A cada palavra, a emergência não é só a falta, mas a possibilidade de um reencontro – não no tempo linear, mas na realidade suplementar onde a experiência pode ser recriada, resignificada e, sobretudo, sentida de outra maneira. No fluxo narrativo, a maternidade, tão marcada pela ausência, pôde ser vivenciada de uma forma nova. Mais do que um resgate, foi uma rematrização: a personagem materna interna foi reconstruída não como um vazio a ser preenchido, mas como uma presença recriada, amorosa e viva, capaz de acolher e ser acolhida.

Mas o processo não se limitou a transformar a dor em narrativa. Ele revelou algo ainda mais profundo: a descoberta de que a escrita poderia existir fora dos moldes aprendidos ao longo dos anos de estudo acadêmico. Não se tratava apenas de subverter a norma, mas de reencontrar a arte como um espaço legítimo de construção de conhecimento e de cura. A escrita criativa não surgiu como um recurso metodológico ou um desvio do pensamento acadêmico, mas como um chamado essencial—um retorno ao sensível, ao intuitivo, ao ato ancestral de narrar como forma de existir. Escrever este conto foi como reacender uma fogueira antiga, onde histórias foram contadas para dar sentido ao mundo, para nomear dores

e para manter vivos aqueles que, de alguma forma, se encontravam ausentes. Assim, a escrita não apenas rematizou o personagem interno materno, mas também a própria autora, que se viu, enfim, diante da possibilidade de escrever e existir de outra forma.

Esse movimento se configura como um ato de resistência epistemológica e se inscreve em uma perspectiva decolonial que desafia epistemologias hegemônicas e propõe formas alternativas de produção de conhecimento. O conto remete às histórias narradas em torno da fogueira pelos povos originários, à tradição oral que transmite saberes ancestrais e ressignifica experiências coletivas. Esse estudo, nesse sentido, também representa a ancestralidade desta américa latina, indígena e africanizada, trazendo consigo o poder de vozes silenciadas e a necessidade de reconectar-se com formas de saber e sentir que foram historicamente desvalorizadas.

Dentro dessa perspectiva, resgatar-se-á a noção moreniana do gênio em potencial, entendida como a capacidade humana de acessar e manifestar forças criativas originárias dentro do encontro com o outro. Para Moreno, esse potencial transcende as limitações impostas pelo racionalismo e pelas conservas culturais, permitindo ao indivíduo experimentar novas formas de ser e atuar no mundo. A escrita psicodramática, ao emergir como expressão desse princípio, possibilita a reintegração de saberes muitas vezes marginalizados, valorizando narrativas que desafiam a hegemonia da objetividade e do distanciamento acadêmico.

Entretanto, a própria construção deste trabalho carrega uma contradição significativa: ao recorrer à linguagem acadêmica formal, busca-se a validação dentro do campo científico, ainda que se critique a forma como esse mesmo campo frequentemente desqualifica modos alternativos de produção de conhecimento. Longe de anular a proposta do estudo, essa contradição evidencia a complexidade do processo de negociação entre diferentes epistemologias. A linguagem acadêmica, com seus critérios de sistematicidade e rigor, convive com a reivindicação de uma escrita que valoriza a experiência subjetiva, o que reflete a necessidade de expandir os horizontes da produção científica para incluir a criatividade como elemento central da investigação humana.

Na última análise, este estudo propõe um modelo alternativo de conhecimento que resgata as dimensões emocionais e subjetivas da experiência, apoiando o Psicodrama como um espaço de resistência e transformação. A escrita criativa, ao ser utilizada como ferramenta terapêutica e epistêmica, permite não apenas a proteção identitária do sujeito, mas também a subversão das estruturas que historicamente impuseram um olhar único e homogêneo sobre a

produção do saber. Dessa forma, reafirma-se o compromisso com uma ciência mais inclusiva, plural e aberta à potência criativa da existência.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, M. (1990). *O teatro terapêutico: escritos psicodramáticos*. Campinas: Papirus.
- ALMEIDA, LS (1999). *O psicodrama: Uma abordagem terapêutica e de desenvolvimento humano*. Editora Vozes.
- BLATNER, A.; BLATNER, A. (2007). *Uma visão global do psicodrama: fundamentos históricos, teóricos e práticos*. São Paulo: Ágora.
- BOCHNER, AP (2001). *A jornada da narrativa: O significado da narrativa e da autoetnografia nas ciências humanas*. Investigação Qualitativa, 7(2), 131-157.
- BOCHNER, Arthur P.; ELLIS, Carolyn. (2006). Comunicação como autoetnografia. Em: GUDYKUNST, William B. (Ed.). *Teorizando sobre comunicação intercultural*. Mil Oaks, CA: Sage, p. 110–122.
- BUTLER, J. (1990). *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. Routledge.
- CASTORIADIS, C. (1982). *A instituição imaginária da sociedade* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CARVALHO, ICM (2003). Biografia, identidade e narrativa: elementos para uma análise hermenêutica. *Horizontes Antropológicos*, 9(19), 283-302.
- CONNELL, RW (1995). *Masculinidades*. University of California Press.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 1995.
- ELLIS, C. (2004). *O etnográfico I: Um romance metodológico sobre autoetnografia*. Imprensa AltaMira.
- FANON, F. (2008). *Pele Negra, Máscaras Brancas*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- FERREIRA STRAUCH, VR (2017). Ressignificação da morte na abordagem psicodramática: Perdas e ganhos no luto. *Revista Brasileira de Psicodrama*, v. DOI: 10.15329/2318-0498.20170006.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 60. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FOUCAULT, M. (1988). *A História da Sexualidade: A Vontade de Saber*. Edições Graal.
- GONÇALVES, CS; WOLFF, JR; ALMEIDA, WC (1988). *Lições de Psicodrama: Introdução aos pensamentos de JL Moreno*. São Paulo: Ágora.
- GOTTLEIB, L., PERAZZO, S. (2016). *Psicodrama: Apontamentos e criação*. FiloCzar.
- GROSGOUEL, R. (2007). Repensando o "século latino-americano": perspectivas pós-coloniais sobre o desenvolvimento da região. In: *Desenvolvimento e Mudança*, v. 6, pág. 1011-1031.

HALL, S. (1999). *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. São Paulo: Editora Paz e Terra.

JUNG, CG (2001). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Editora Vozes.

KIPPER, M. A. Psicodrama: Teoria e técnica. São Paulo: Editora Ágora, 2001.

KRENAK, Ailton. (2017). *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras.

KOERICH, MS et al. (2021). Pesquisa-ação: ferramenta metodológica para uma pesquisa qualitativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fen/article/view/47234/23150>.

LOPES, José Carlos. *O Pensamento Visual: Ensino e Aprendizagem na Educação Superior*. São Paulo: Cortez, 2004.

MELO, IN; REIS, M. (2021). Tecendo um colar de horizontes epistemológicos: o protagonismo de Ailton Krenak e Davi Kopenawa para a escrita de histórias plurais. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/12273/8355>.

MENEGAZZO, CM, TOMASINI, MA, & ZURETTI, MM (1995). *Dicionário de psicodrama e sociodrama*. (M. Lopes, M. Carbajal, V. Caputo, Trad.). Ágora.

MIGNOLO, WD (2017). Colonialidade: O Lado Mais Escuro Da Modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 32(94): e329402. Disponível em: <https://doi.org/10.17666/329402/2017>.

MORENO, Jacob Levy. (1994). *Psicodrama: Volume 1 - A Sociometria do Indivíduo*. São Paulo: Ágora.

MORENO, Jacob Levy. (1997). *Quem sobreviveu?* Editora Cultrix.

MORENO, Jacob Levy. (1999). *A vida de um terapeuta: A biografia de Jacob Levy Moreno*. Tradução de Elza Lima. São Paulo: Ágora.

MORENO, Jacob Levy. (2001). *Psicodrama: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Cultrix.

MORENO, Jacob Levy. (2002). *O Desenvolvimento da Personalidade e os Papéis no Psicodrama*. Editora Vozes.

MORENO, JL (1983). *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, pág. 212-213.

MORENO, JL (1992). *As palavras do pai* (JC Landini & JCV Gomes, Trad.). Editorial Psy. (Obra original publicada em 1920).

MORENO, JL (1993). *Psicodrama* (Á. Cabral, Trad.). Cultrix. (Obra original publicada em 1946).

MORENO, Zerka. (1987). *Psicodrama: teoria e prática*. São Paulo: Cultrix.

MORENO, Zerka. (1997). *Psicodrama: O Tratamento Criativo dos Problemas Humanos*. São Paulo: Ágora.

MORENO, Zerka. (2001). *A Realidade Suplementar e a Arte de Curar*. São Paulo: Ágora.

NERY, LR (2015). *O papel da educação para a construção da cidadania*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

NERY, M. da P. (2021). *Psicodrama e Métodos de Ação On-Line: Teorias e Práticas*. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29(2): 107–116. Disponível em: https://doi.org/10.15329/2318-0498.00442_PT. Acesso em: 06 de fevereiro de 2025.

PERAZZO, Maria Cristina Machado. *O começo do fim: o corpo na clínica e na formação*. São Paulo: Ágora, 2020.

RIBEIRO, D. de F. (2023). *Decolonialidade na pesquisa e prática psicodramática: pela superação de epistemicídios históricos*. *Revista Brasileira de Psicodrama*, Centro Universitário de Franca – Departamento de Psicologia – Setor de Pesquisas em Desenvolvimento Regional.

RAMALHO, CMR (2018). Essência e personalidade - elementos de psicologia relacional. *Revista Brasileira de Psicodrama*, São Paulo, v. 1, jan./jun. Disponível em: <https://doi.org/10.15329/2318-0498.20180011>. Acesso em: 7 fev. 2025.

SANTOS, BS (2021). *O fim do império cognitivo: A afirmação das epistemologias do Sul*. Autêntica.

SANTOS, SMA (2017). *O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios*. *Plural - Revista de Ciências Sociais*, 24(1), Janeiro-Junho. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=649770014013>.

SCOTT, JW (1996). *Gênero e a Política da História*. Imprensa da Universidade de Columbia.

VASCONCELOS, M. de FF de; MELO, MR de; CARVALHO, MC; VENÂNCIO, KMS (2022). *Pela realidade desses tempos suplementares (nossos)*. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 30, e3222. Disponível em: https://www.scielo.br/j/psicodrama/a/CLt7d4CbnDNBJgtchB6LBH/?utm_source=chatgpt.com.

YALOM, ID (2006). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed.

YALOM, ID; LESZCZ, M. (2006). *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed.

ZIMERMAN, S. (2006). *Psicodrama e diversidade: A construção da identidade no espaço grupal*. São Paulo: Editora Ágora.

Apêndice A

A Viagem de Rosa

Esta história é verídica, exceto pelas partes que foram completamente inventadas.

Os pensamentos e as palavras batiam no peito e foram sendo arrancados do coração pouco a pouco, e é com essa emoção e sensação que começo esta história:

Rosa é uma garota que caminha pela vida procurando se encontrar. Ganhou este nome, pois, segundo sua mãe, era o símbolo do brasão de sua família. Já para seu pai, "a Rosa" é uma flor consagrada a muitas deusas da mitologia, símbolo de Afrodite e de Vênus (deusa grega e romana do amor e feminilidade). Mas, para a própria Rosa, seu nome não carregava um significado próprio. Ela nunca quis se limitar a rótulos — preferia construir, por si mesma, os sentidos que dariam cor à sua existência.

O pai de Rosa é um homem muito doce e gentil, seus olhos mudam de cor segundo os pensamentos. Suas mãos são marcadas como rachaduras na terra, pois para ele a vida só faz sentido através do trabalho, assim como era para o seu avô que deixara de herança grandes ensinamentos.

Ele conheceu a mãe de Rosa em uma viagem de moto, casaram dois meses depois, tiveram Rosa depois de 4 anos de relacionamento, ela sempre foi muito desejada.

Logo que Rosa nasceu sua mãe descobriu que estava grávida novamente e sua irmã nasceu ocupando todos os espaços, inclusive o coração de Rosa que agora ganha uma melhor amiga.

Hoje mais velha sua irmã desconfia de todo mundo e quando se sente ameaçada se transforma em onça-pintada, poder herdado pela mãe. Um dia Rosa ouviu gritos estrondosos pela mata, saiu na varanda apertando os olhos para tentar enxergar e assustou-se ao ver olhos brilhantes feito fogo através da escuridão. Versando pela mata e trilhas da terra, foi seguindo as marcas e galhos quebrados, os cheiros e um sexto sentido, assim ela avista a onça com seu filhotinho. No instante em que Rosa avista aquela oncinha seu coração transborda de amor, ao segurá-la no colo ela se transforma em uma linda bebezinha que olha profundamente em seu olhos e essa conexão instantânea irá durar por toda a vida.

A família de Rosa guarda uma ferida profunda, um lamento que, vez ou outra, ressurge e ainda dói. Rosa viu os olhos de sua mãe perderem o brilho lentamente, como se uma sombra fosse se instalando onde antes havia luz. Esse processo fez com que as “pétalas” de seu ser, que antes refletiam a calma e a verdade, mudassem de cor, pois o coração de Rosa passou a sangrar e derramar suas dores, tingindo cada pétala com tons de vermelho. Para ela, era sempre doloroso perceber nas cicatrizes do pai e da irmã as mesmas marcas do sofrimento. Por isso, ela decidiu, com coragem, buscar na vida uma forma de cura.

Rosa atravessa o mata-burro com a segurança de quem conhece cada buraco, cada vão, cada atalho. Seus passos são firmes e decididos, saltando com precisão pelos vãos da madeira, como se o terreno, com todas as suas imperfeições, fosse uma extensão de sua própria vontade. Não há hesitação; ela supera os obstáculos com a facilidade de quem percorre trilhas familiares, onde cada salto é calculado, cada movimento, um reflexo da prática diária. O campo não exige esforço, mas presença — um espaço que, embora desafiador, é constantemente dominado pela determinação de Rosa. Cada passo é imerso na sabedoria de quem aprendeu a conviver com a natureza e seus caminhos, tornando a jornada um processo intuitivo, forte e sem surpresas. Cresceu entre os campos, cercada pela vastidão da natureza, pelo silêncio acolhedor, pelo compasso sereno dos animais e o frescor da brisa que nunca apressava nada. Porém, naquele momento, sentia uma necessidade

urgente de agitação, de barulho, de se perder na confusão da cidade. Sabia que as respostas que buscava só poderiam ser encontradas entre as vozes e olhares dos outros.

Com frequência, Rosa se sentia sufocada, como se o mundo ao seu redor fosse pequeno demais para conter seus pensamentos e sentimentos. A vastidão do campo, que um dia lhe ofereceu liberdade, agora parecia apertada demais para sua alma inquieta. Ela sentia a necessidade urgente de romper os limites do espaço e do tempo, de encontrar algo mais, algo que fosse além das fronteiras do conhecido. A vida no campo, com sua tranquilidade forçada, já não preenchia o vazio crescente dentro de si.

Além disso, ela se via constantemente questionando tudo ao seu redor, principalmente em um cenário político que tolhia a liberdade e minava a espontaneidade humana. Em um país onde a sombra do fascismo crescia, ela sentia uma tristeza profunda ao perceber que muitos dos que apoiavam essa cruel realidade estavam presentes em sua vida. Apoiar aquele governo era como negar a própria essência de sua existência.

Movida por essa busca por respostas e pela necessidade de se reencontrar, Rosa deixou a fazenda e se aventurou pela cidade. O ritmo frenético da urbanidade parecia pulsar em seu peito, e ela, com o coração cheio de incertezas e a mente agitada, olhava atentamente para tudo o que o concreto tinha a oferecer. Seus passos, como sua mente, estavam sempre à frente, procurando algo que pudesse preencher o vazio. Ela esticava o pescoço, como sempre fizera, tentando desvencilhar-se daquilo que a impedia de ver além. Era uma atitude constante, um reflexo da inquietação que a definia.

E então, entre a confusão da cidade, seus olhos se fixaram em um cartaz. Intrigada, se aproximou. O cartaz parecia oferecer a promessa de algo novo, de algo que poderia, talvez, finalmente despertar sua alma:

“Uma viagem dos sonhos!

Não perca essa experiência!

Aqui você irá viver aventuras!

Você poderá desvendar mistérios!”

Na parte inferior do cartaz, havia bilhetes soltos que poderiam ser destacados por quem se interessasse pelo anúncio. Rosa sem muito pensar, arranca um dos bilhetes e liga imediatamente para o contato impresso no papel. O telefone começou a chamar. Rosa, ansiosa, segurava o fone do orelhão com uma das mãos, enquanto a outra deslizava impaciente pela borda enferrujada do aparelho. Seus pés inquietos não paravam, alternando entre passos curtos e longos dentro do pequeno espaço que o fio espiralado permitia. Caminhava até o limite, sentindo o puxão sutil do cabo antes de retornar, como um animal em gaiola, sem conseguir conter a urgência que queimava dentro dela.

Não era a demora no atendimento que a incomodava, mas a sensação de que cada segundo era tempo demais ou de menos para viver a vida. por mais breve que fosse, a afastava do que ansiava. O mundo ao redor parecia distante, abafado pelo som dos carros e das conversas soltas nas esquinas. E então, a voz veio do outro lado da linha, distraída e despreocupada:

"Alô..."

Rosa escutou as vozes, familiares e descontraídas, de duas mulheres conversando como se o mundo lá fora não existisse, como se ela não fosse nada mais que uma sombra a espiar seu momento de intimidade. Sem paciência para esperar, ela interrompeu a conversa, tentando firmar sua presença naquele espaço e interrompeu a conversa do outro lado da linha: _ "Estou ligando sobre a viagem..." Tentava, também, situar-se, tentando decifrar quem eram aquelas vozes, que pareciam tão distantes e, ao mesmo tempo, familiares.

Foi apenas depois de um breve murmúrio entre as mulheres que uma delas se dirigiu a ela: "Rosa, você ligou muito cedo! "Não, não é cedo, talvez muito tarde... ou talvez nem cedo, nem tarde... foi no momento exato!"

O som da linha cortando a conversa ecoou pelo telefone: "Tu...Tu...Tu...". Ela só teve tempo de ouvir: "Corra até a estação de trem, eles estão te esperando." E, antes que pudesse responder, o telefone desligou, como se o destino tivesse dado o último empurrão, fazendo Rosa se lançar ao que viria a seguir.

Rosa morde os lábios, franze a testa, e seus pensamentos tropeçam um no outro. De onde vinham aquelas vozes tão familiares? Como aquela mulher sabia seu nome, se Rosa sequer o mencionara? Quem a aguardava na estação de trem? E como embarcar em uma viagem cujo destino era um mistério?

Um arrepio percorre sua pele. Algo dentro dela pulsa com a certeza de que esperou por esse momento a vida inteira. Como quem sente a porta da gaiola entreabrir-se, Rosa não hesita. Seu corpo já sabe o que fazer antes mesmo que sua mente decida.

Então, corre. Corre como sempre correu—não apenas por necessidade, mas porque correr fazia parte de quem ela era. Corria mesmo quando o tempo não exigia pressa, quando o caminho era curto, quando ninguém a esperava. E, dessa vez, corre como quem segue um chamado. Em poucos instantes, chega à estação, o coração disparado não pelo esforço, mas pela promessa do desconhecido.

Ela já viajara de trem antes, visitando cidades próximas, sempre fascinada pela atmosfera das estações. Seu pai lhe ensinara a enxergar além do embarque e desembarque—para ele, aquele era um lugar onde destinos se cruzavam, onde cada chegada carregava histórias e cada partida abria novos caminhos. Essa visão ficou impregnada em Rosa, e talvez por isso ela amasse tanto estar ali, sentindo a vida pulsar entre malas, despedidas e reencontros.

O alvoroço dos vendedores preenchia o ar, suas vozes se entrelaçando com o movimento da estação: "Cafê quentinho! Pão de queijo!" O chamado ritmado fazia parte da melodia daquele lugar, um canto familiar que anunciava tanto as partidas quanto as chegadas.

Entre vozes e passos apressados, uma canção pairava no ar através do rádio. Rosa murmura mentalmente um verso: "É a vida desse meu lugar..."—mas não se demora no pensamento. Seus sentidos são tomados pelo som agudo do apito da locomotiva, que surge ao longe, arrastando os vagões com uma imponência que parece anunciar algo grandioso.

Rosa sente o coração acelerar ao perceber que ainda não comprou o bilhete. Para onde deveria ir? Seus olhos percorrem a estação até encontrarem uma cabine vazia—uma que nunca havia notado antes. Acima dela, uma placa exibia a imagem de um senhor de braços abertos, como quem convida para um abraço ou um reencontro. Só podia ser ali!

Guiada por seus instintos, sempre aguçados pela observação, Rosa se apressa para comprar a passagem. Assim que a recebe, percebe algo peculiar: o vagão indicado é diferente de todos os outros, tingido de laranja, amarelo e azul, vibrante como um entardecer.

Ela embarca, os olhos dançando rapidamente pelos assentos quase todos ocupados. Não reconhece ninguém, mas percebe os olhares curiosos que se voltam para ela. Com a passagem em mãos, localiza seu assento e se aproxima. Ao lado da janela, uma jovem de expressão séria a observa. Seu cabelo black é adornado por um laço vermelho, e sua pele, de um tom aveludado, reluz sob a luz do vagão. Rosa pede licença; a garota apenas inclina a cabeça em concordância, permitindo que ela se sente.

Ainda ofegante, Rosa enxuga o suor do rosto enquanto sente o trem ganhar movimento. O som dos trilhos, o balanço compassado dos vagões e o apito rasgando o ar formam uma melodia familiar; quase acolhedora. Pela janela, a paisagem desliza—vegetação densa, pontes antigas, plataformas esquecidas no tempo—e, com ela, memórias das viagens de infância voltam como uma brisa quente.

Viajar sempre foi mais do que um deslocamento para Rosa. Era a maneira de lembrar que o mundo se estendia muito além dos labirintos de sua própria mente.

Depois de recuperar o fôlego e se acomodar no banco, Rosa começa a observar as pessoas ao seu redor. Seus olhos logo recaem sobre a garota de laço vermelho ao seu lado. Ela faz pequenas expressões, franzindo a testa, arqueando as sobrancelhas, movimentando os lábios em palavras silenciosas—como se estivesse organizando pensamentos dentro de uma vasta biblioteca interna, onde emoções e memórias precisam ser cuidadosamente arquivadas.

Entre suas mãos, algo parece protegido, quase escondido. Rosa sente que ali, envolto em silêncio e mistério, está o coração daquela garota—guardado com zelo, como se o mundo lá fora não tivesse permissão para tocá-lo.

Rosa hesita, sem saber como iniciar a conversa. O silêncio entre as duas se alonga, denso, como se mãos invisíveis segurassem seus lábios, impedindo qualquer palavra de escapar. Mas não era apenas entre elas—todo o vagão parecia envolto em uma quietude estranha. Os outros passageiros estavam excessivamente contidos, quase rígidos, e Rosa não poderia dizer se era respeito, receio ou algo mais profundo que pairava no ar.

De repente, uma mulher de vestido esvoaçante atravessa os corredores, interrompendo o silêncio de maneira poderosa, como se tivesse um megafone preso na garganta. Sua voz ressoava com tanta intensidade que parecia formar ondas sonoras visíveis, reverberando por todo o vagão e tocando profundamente as almas de quem a ouvia. Rosa reconhece a voz imediatamente — a mesma carinhosa e acolhedora que havia ouvido ao telefone. A mulher sorri e se apresenta com uma energia magnética:

"Sejam bem-vindos! Eu sou a Diretora Elsana, e vocês estão embarcando no meu sonho! Nele, experimentaremos o impossível!"

Ela faz uma breve pausa antes de apresentar duas pessoas. À direita de Elsana está Angel, segurando uma xícara de café e com um sorriso radiante no rosto. Seus olhos brilham com uma intensidade quase sobrenatural, observando cada um de nós como se fosse capaz de ver além da superfície, como se pudesse sentir nossas emoções mais profundas.

À esquerda de Elsana, João caminha pelos corredores com uma leveza que parece desafiar a gravidade. À medida que ele passa, uma brisa fresca de mar envolve o vagão, balançando suavemente os cabelos de todos nós. Ele distribui balas coloridas e doces, e quando uma delas é colocada na boca, surge uma sensação inusitada — cócegas internas que provocam risadas espontâneas, tornando o ambiente ainda mais encantador.

O maquinista anuncia a aproximação da primeira parada com o estridente apito do trem, sinalizando que é tempo suficiente para um rápido lanche e, quem sabe, um café. A viagem promete ser longa e cheia de surpresas. Todos desembarcam, e, ao se espalharem pelo ambiente mais amplo da estação, Rosa percebe que os passageiros começam a se aproximar, trocando palavras, ainda com timidez, buscando uma conexão, como se

estivessem tentando se reconhecer uns nos outros. Ela observa que muitos carregam bagagens de mão, mas não são malas comuns — parecem mais objetos curiosos, cheios de mistério.

De repente, Rosa sente um tremor sutil sob seus pés. Assustada, ela vê uma pequena garota de cabelos cacheados passando por ela, carregando um cajado gigantesco em uma das mãos. O impacto do cajado tocando o chão é o que provoca os tremores, fazendo com que o ambiente ao redor pareça vibrar levemente, como se o próprio espaço estivesse se ajustando. Na outra mão, a garota segura uma gaiola, e Rosa, curiosa, estreita os olhos para tentar discernir o que há dentro. Para sua surpresa, não é um animal comum, mas uma sapatilha de bailarina com pequenas asas, que se movem suavemente para cima e para baixo, como se estivesse flutuando.

A pequena garota caminha com graça entre os passageiros, fazendo questão de não tocá-los, como se fosse uma presença delicada e intocável, como se soubesse que sua jornada, assim como a de todos ao seu redor, era única e protegida por algum tipo de segredo místico.

Um garoto esbarra em Rosa, distraído, olhando os pássaros que voam ao longe. Ele usava um moletom estampado com um dinossauro, e em volta do pescoço, pendia o que parecia uma máquina fotográfica — mas não qualquer máquina. O equipamento era transparente, e dentro dele, Rosa podia ver as engrenagens se movendo, como se fosse uma obra artesanal, uma invenção única. Ela teve a sensação de que aquele objeto fora criado por ele mesmo, um reflexo da sua própria criatividade, talvez um mistério de sua imaginação.

De repente, um cubo cai da mão do garoto, e ele se apressa para pegá-lo. Ao apertar acidentalmente o que pareciam ser botões no objeto, uma fumaça colorida começa a sair, se espalhando no ar. A fumaça não era comum, ela parecia ter vida própria, despertando uma mistura de sensações e emoções, cada cor que se formava alterando a atmosfera ao redor. As emoções de Rosa se embaralham conforme o garoto, sem intenção, cria novas combinações com os botões, como se ele tivesse o poder de manipular o próprio espaço com um simples toque.

Um pouco da fumaça colorida foi inalada por Rosa, e, ao fazê-lo, ela vê o céu se transmutar em uma paleta de cores vibrantes, dançando e se misturando como se o próprio universo tivesse se tornado uma obra de arte em movimento. Mas logo, ela se liberta desse estado inebriante, seus sentidos voltam ao normal, e então seus olhos encontram os de uma garota loira, com um lenço colorido elegantemente amarrado ao redor do pescoço e coturnos de couro nos pés.

O olhar da garota estava marcado por lágrimas, mas não eram lágrimas comuns. Elas escorriam suavemente de seus olhos, como minúsculas partículas de glitter, cintilando à luz. As lágrimas seguiam seu caminho sem cessar, e o lenço colorido que a garota usava logo estava coberto por esse brilho cintilante. A cada movimento do vento, algumas dessas partículas se soltavam e dançavam no ar, caindo sobre as pessoas ao redor. Quando tocavam a pele de alguém, algo parecia despertar; um impulso repentino de liberdade. Era como se o brilho causasse uma leve revolta interna, fazendo com que os passageiros que estavam aguardando para embarcar na estação se perdessem em uma dança espontânea, como se estivessem em um flash mob, fluindo ao ritmo de uma melodia invisível.

À distância de toda a confusão, uma garota pequena, com uma boina sobre seus cabelos loiros, se destaca. Ela abre com cuidado um tripé de pintura e começa a esboçar a imagem de um homem adormecido no chão da estação. Porém, seu desenho não é uma representação literal, mas uma expressão profunda de suas emoções e sentimentos, captados através de sua sensibilidade única. A tela ganha vida com a intensidade de suas impressões.

Na cintura da garota, uma espada fina e afiada chama a atenção. A lâmina, delicada mas carregada de força, tem uma inscrição entalhada no aço: “amore-niano”, seguida da frase: “Encantar a vida como estratégia política.” Quando ela finaliza o desenho, com um movimento rápido e decidido, ela saca a espada da bainha e, com uma energia inesperada, destrói vigorosamente tudo o que pintou.

O mais surpreendente, contudo, é que, ao destruir sua própria obra, ela transforma as emoções do homem retratado. A expressão de desamparo que antes o marcava desaparece, dando lugar a um sorriso sincero, e seus olhos se abrem com a luz da esperança. Ele se ergue, renovado, como se a arte daquela garota tivesse, de alguma maneira, alterado o curso de sua própria jornada.

Rosa começa a ouvir uma melodia suave, e logo percebe que o som vem de uma mulher que caminha pela plataforma, carregando sobre os ombros vários instrumentos musicais desconhecidos. O mais curioso é que, a cada passo que ela dá, os instrumentos se chocam entre si, liberando notas musicais que, combinadas, formam uma canção. A música flui de forma natural e encantadora, como se o som fosse parte de sua própria essência.

A mulher avança com passos ritmados, e conforme se aproxima de um grupo de pessoas que desce as escadarias da capelinha próxima à estação, uma troca de olhares e sorrisos ocorre. Todos a cumprimentam com carinho, e alguns até agradecem, como se ela fosse uma figura conhecida e admirada. Sua presença parece ter um poder transformador, algo mágico e profundo, que toca as almas daqueles que a rodeiam. A canção dela, mais do que uma melodia, carrega uma energia capaz de mover corações e mudar o curso dos momentos.

Rosa logo percebe que não é a única a observar o que acontece ao seu redor. Seus olhos se encontram com os de uma garota de cabelos longos e ruivos, ondulados, que segue atenta a tudo. Nos pés dessa jovem, há um dispositivo intrigante, capaz de impulsioná-la a superar qualquer obstáculo, até mesmo muros.

A garota, com sua vigilância aguçada, percebe uma senhora que luta para subir os degraus da capelinha. Sem hesitar, ela se aproxima, envolve a senhora pela cintura e, com um único impulso, as duas alcançam o topo da escadaria. A senhora, ainda surpresa, a abraça com gratidão e carinho, exclamando, emocionada: “Tenho muito orgulho de você, minha filha, eu te amo!”

A jovem sorri, os olhos brilhando de emoção e lágrimas, e antes de partir para um novo salto, ela se aproxima mais uma vez de Rosa e dos outros passageiros. A conexão silenciosa e profunda entre elas é compartilhada antes que todos se preparem para o embarque, como se esse momento, repleto de gestos e sentimentos, fosse uma espécie de despedida temporária de uma energia maternal.

Rosa observa a multidão tentando embarcar novamente no trem e, à sua frente, nota uma garota alta de sorriso largo, segurando alguns livros sob os braços. Curiosa, ela consegue ver através das lentes dos óculos da jovem e percebe algo incomum: todas as formas, pessoas e objetos que passam por essa lente são contornados por palavras que revelam uma verdade profunda.

*De maneira espontânea, Rosa comenta: “Adorei seus óculos, mas deve ser difícil enxergar tantas coisas.” A garota se vira, sorrindo, acena positivamente com a cabeça e segue em direção ao vagão. Quando a jovem se vira, Rosa consegue ler parcialmente o título de um dos livros que ela carrega: *As Aventuras de um ser tentante...**

Intrigada pelo conteúdo do livro, Rosa se sente um pouco desconfortável. Uma sensação de insegurança começa a surgir, como se ela, talvez, não tivesse se preparado o suficiente para a jornada que se desenrolava diante dela.

Ao lado de Rosa, agora, está uma garota pequena, de cabelos curtos e enroladinhos, cujas tatuagens, parcialmente visíveis sob suas roupas, capturam a atenção de Rosa. Ela tenta observar de soslaio, curiosa com os desenhos que adornam a pele da jovem. Entre todos, um se destaca, situado entre o pescoço e o peito da garota. O desenho parece pulsar, como se pequenas ondas o percorressem, dando a impressão de que, ao tocá-lo, seria possível mergulhar nas profundezas de um mar — um mar que remete ao coração e à alma. Ao fundo, vislumbra-se uma concha aberta, com uma pérola guardada em seu interior.

Nesse momento, uma garota apressada passa por Rosa, com fones de ouvido tão grandes que o som da música, alto e vibrante, transborda. Rosa a ouve claramente, reconhecendo a melodia instantaneamente. Era uma canção que fizera parte de sua infância.

Se eu quisesse chorar

Não ter que fingir

Sei que posso errar

E é humano se ferir

Parece absurdo, mas tente aceitar

Que os heróis também podem sangrar

Rosa observa, estupefata, a mochila nas costas da garota, entreaberta, revelando o que parecem ser asas. Ela fica boquiaberta, a dúvida pairando no ar: "Será que essa garota pode voar?"

Logo após essa parada, o apito do trem ressoa e todos começam a embarcar novamente, embora alguns passageiros tenham permanecido na estação, perdendo a viagem. Desta vez, o silêncio é quebrado por algumas risadas, o ambiente agora mais descontraído, ainda que um pouco caótico.

Rosa se senta em seu banco, mas ao olhar ao redor, percebe que ao seu lado há outra passageira. Ela verifica, quase automaticamente, o número da poltrona, buscando confirmar se está no lugar certo. Ao olhar, constata que o número corresponde exatamente ao de seu bilhete. O trem começa a se mover, inicialmente em um ritmo lento, até que, gradualmente, vai ganhando velocidade. Rosa observa a paisagem passando pela janela e, por um momento, sente que já esteve ali antes. No entanto, não consegue lembrar quando, nem identificar para onde estão indo. A sensação de déjà-vu a envolve, aumentando ainda mais seu sentimento de desorientação.

Rosa então se dá conta das mãos da mulher ao seu lado. Um arrepio percorre seu corpo, como se já tivesse visto aquelas mãos antes. Ela olha discretamente para o rosto da mulher, mas algo a impede de reconhecer de onde a conhece. Uma saudade profunda começa a crescer dentro dela, uma tristeza silenciosa que a envolve, até um frio cortante que a percorre, fazendo-a sentir-se estranha e desorientada.

À frente, avista um túnel. Quando o trem o adentra, tudo ao redor escurece. Rosa observa os pendentes no teto, que começam a brilhar com luzes coloridas, criando uma atmosfera quase teatral, como se o trem fosse agora um palco de um drama em curso. Mas enquanto o trem avança pelo túnel, dentro de seu peito algo também se estreita: um buraco profundo se abre, escuro e doloroso, repleto de raiva, sofrimento e desespero.

Ela fecha os olhos, e as lágrimas começam a escorrer silenciosamente por seu rosto. Ao fazer isso, sente suas mãos se apertando, os músculos tensos, como se estivesse se preparando para um combate. Seu corpo se torna rígido, seus sentimentos se petrificam. A cada segundo, sua mente e coração se tornam mais duros, impenetráveis, como uma rocha. Ela já não vê as luzes coloridas e, agora, as pessoas ao seu redor desaparecem. Ela está sozinha em um vazio de solidão.

E, então, um feixe de luz se aproxima, como uma estrela distante no escuro. Rosa vê, entre as sombras, uma mulher vestida de branco, com cabelos longos e escuros. Quando a mulher se aproxima, ela repara novamente nas mãos, e é impossível negar: são as mesmas mãos da mulher que estava ao seu lado. Um arrepio toma conta de seu corpo. As duas se olham nos olhos, como se compartilhando algo profundo, e então iniciam um diálogo silencioso, um chamado que vem do fundo da alma.

Rosa, com a voz embargada, diz, quase como um lamento:

_ Não consigo me lembrar, eu não consigo me lembrar... Quem é você? Por que você está aqui? Quem é você?

Lágrimas escorrem, sem pressa, pelo rosto de Rosa, como se cada uma carregasse um pedaço de dor que ela não sabia como expressar e continua o diálogo:

_ Me diz, por favor, quem é você? Eu sinto tanto, mas não me lembro...

_ Eu sinto muito, mas eu não me lembro...

_ Eu não me lembro...

A mulher, com uma força avassaladora, responde, sua voz ecoando como o rugir de uma tempestade:

_ Venha, chegue mais perto.

As duas se aproximam e suas mãos se encontram, entrelaçando-se com uma leveza doce e familiar. Seus olhos se encontram, e naquele momento, o mundo parece parar.

A mulher, com um amor profundo e repleto de complexidades, diz, com sua voz suave:

_ Você está sentindo? Eu te observo com os teus olhos, e você consegue me ver através dos meus.

E então, ela e sua mãe se abraçam, um encontro profundo, onde as almas se tocam e se reconhecem.

_ Eu não sabia que tinha me esquecido de você, mãe. Na verdade, eu me lembrava... mas não da forma como você deveria ser.

_ Estive com tanta saudade, senti tanto a sua falta. Ninguém pode se preparar para isso... Eu te perdi... Eu te perdi... e te perdi... Eu me perdi... me perdi de mim mesma.

_ Mãe, fui caminhando pela vida, tropeçando, perdendo minhas pétalas, uma a uma, até que chegou um momento em que só restaram espinhos. Eu me perdi de mim. Agora eu entendo o motivo dessa viagem, agora eu me lembro deste caminho que estamos trilhando juntas.

A mãe, com um sorriso sereno, responde:

_ Finalmente, você está voltando para casa, minha filha. Pouco a pouco, pétala por pétala, você vai se resgatando.

Pétala por pétala.

A minha mãe com um sorriso sereno, responde:

_ Finalmente, você está voltando para casa, minha filha. Pouco a pouco, pétala por pétala, você vai se resgatando.

Pétala por pétala. Então, eu abri os olhos, ainda abraçada com minha mãe, em um colo eterno e terno, como um ninho de amor. Aos poucos, fui percebendo que a forma com a qual me abraçava ia mudando. Quanto mais eu me afastava, mais eu me via, como se estivesse diante de um espelho. E, nesse movimento de afastamento e reencontro, voltei a me abraçar profundamente. Como se em um gesto de pura não-matéria, fomos nos fundindo e integrando até nos tornarmos uma só.

Abri os olhos devagar, mas logo os fechei, incomodada pela luz intensa que agora tomava conta do ambiente. Quis resguardar alguns momentos, permitindo que meus olhos se acostumassem à claridade.

Foi então que uma lembrança aflorou: um sonho recorrente da minha infância. Sentada em um trono, estava a mesma mulher com vestes brancas e cabelos negros, cobertos, que hoje sei ser minha mãe. Ela sempre esteve lá, presente em minha vida, ainda que eu não soubesse completamente o seu significado.

“Era um sonho em que me encontrava com você. Não sei se estava sonhando o meu sonho ou se o sonho que eu sonhava era o seu. Um sonho dentro de um sonho, e até agora não sei se acordei desse sonho. O que eu quero, no entanto, é a imagem e o som desse momento, para entender o que aconteceu.”

Ao acordar, percebo que ao meu redor estão todos os meus amigos viajantes. Cada um com seus objetos poderosos, realizando o que sabem fazer de melhor. Como em uma mesa de cirurgia, eles examinaram, abriram, limparam, suturaram, medicaram e curaram todas as minhas feridas, com a ajuda de seus mágicos instrumentos de amor.